

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

TATIANE PATRÍCIA LAQUIMIA

O PODER DA PALAVRA EM SUA ESFERA CONCEITUAL:
PONTE PARA A AUTONOMIA DA PESSOA EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

São Leopoldo

2012

TATIANE PATRÍCIA LAQUIMIA

O PODER DA PALAVRA EM SUA ESFERA CONCEITUAL:
PONTE PARA A AUTONOMIA DA PESSOA EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Trabalho Final de Mestrado
Profissional.

Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia.

Escola Superior de Teologia.

Programa de Pós-Graduação.

Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e Juventude.

Orientadora: Sandra Vidal Nogueira

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L317p Laquimia, Tatiane Patrícia

O poder da palavra em sua esfera conceitual: pontes para a autonomia da pessoa em múltiplas dimensões / Tatiane Patrícia Laquimia ; orientadora Sandra Vidal Nogueira. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

79 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Linguagem e línguas. 2. Psicologia do desenvolvimento. 3. Educação – Finalidades e objetivos. 4. Poder (Ciência social). 5. Ética social. I. Nogueira, Sandra Vidal. II. Título.

TATIANE PATRÍCIA LAQUIMIA

O PODER DA PALAVRA EM SUA ESFERA CONCEITUAL:
PONTE PARA A AUTONOMIA DA PESSOA EM MÚLTIPLAS DIMENSÕES

Trabalho Final de Mestrado
Profissional. Para obtenção do
grau de Mestre em Teologia.
Escola Superior de Teologia.
Programa de Pós - Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude.

São Leopoldo / RS, abril de 2012

Sandra Vidal Nogueira - Doutora em Educação, Supervisão e Currículo - EST

Gisela Isolde Waechter Streck - Doutora em Teologia - EST

São Leopoldo
2012

AGRADECIMENTOS

“Portanto, dai a cada um o que deveis [...] a quem honra, honra”.¹

Assim ...

“Este é o meu respirar, Teu Santo Espírito vivendo em mim e Tua vontade sendo realizada através de mim”. À TRINDADE, meu mais completo Louvor!

Aos meus pais, Neide Panassol e José Carlos Laquimia, que em momento algum recusaram-se em me estender as mãos, sendo meus maiores incentivadores e exemplos. Oxalá que um dia, eu possa me assemelhar a eles em grandeza de caráter e amor.

À *Amiga* “Dr.^a Sandra Vidal Nogueira” mulher que profundamente admiro e da qual almejo possuir ‘similar’ competência, habilidade e responsabilidade profissional, bem como, humildade pessoal.

Aos meus Docentes: Gisela, Remí, Roberto, Redin, Carlos –acompanhado de Dezir, Marilú e Angelique –, Laude, Valério, Manfredo, Karin, Marga, Rudolf, pessoas muitíssimo importantes, as quais ao longo do curso se doaram, permitindo de maneira generosa que, sutilmente, eu fosse sendo transbordada e aperfeiçoada por um pouquinho do admirável caráter e profissionalismo de cada um deles.

A cada um dos setores do Elenco FIAR (representados pelos diretores Gilmar e Flávio e meus coordenadores Antonia, Junior Cesar e Luzitânia) que compreenderam e permitiram os adiantamentos de meus deveres de funcionária e minha ausência em períodos letivos.

¹ ROMANOS. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: CPAD, 2002. p.1723 – cap.13, vers.7.

A Todos os Colegas que fiz dos mais variados departamentos da EST / Sinodal e que colaboraram ora direta ora indiretamente para a realização não só deste trabalho, mas também, do sonho que se gerou no seu decorrer.

Aos meus pastores Joel e Eliazara, aos acadêmicos da minha turma, à Irma, à Pr.^a Iara, à equipe da Biblioteca (Alan, Marta, Leonice, Magda), às equipes Administrativas - direção, secretaria e financeiro (Lorrany em representação a todos), à de Apoio aos serviços gerais da EST (limpeza, guaritas, portarias, telefonistas, atendimentos em geral), à livraria Sinodal (Sidney) e aos Gestores das instituições que permitiram a realização dos projetos.

Não há dúvida quanto aos traços que cada um deixou-me e da saudade que todos me trazem, acompanhada do desejo de estar sempre perto de vocês.

Agradeço ainda, aos Professores corretores desse Trabalho Final de Mestrado, pois sei o quanto esse tipo de atividade requer tempo, atenção, sensibilidade, disposição para conferências e tantas outras coisas mais. E sei que os Senhores fazem tudo isso primeiramente pela satisfação de poder colaborar comigo e saber que contribuiram para minha formação.

Assim, relembro-lhes, a todos, que [...] “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver, através Daqueles, cujos olhos aprenderam a ver o mundo, pela magia das nossas palavras. O Educador, assim, não morre jamais”.²

A TODOS, meu profundo, sincero e carinhoso ...

OBRIGADA !!!

Tatiane.

² PENSADOR.INFO. *Frases de Rubens Alves*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

DEDICATÓRIA

Meu grande prazer é que se sintam instigados a continuar suas pertinentes indagações e sua coragem em posicionar-se ...

... AQUELES que se dedicam à pesquisa, que amam o conhecimento e primam pela sabedoria, que fazem questão de contribuir, de alguma forma, para a transformação do meio que, conseqüentemente, 'os influencia' e que não aceitam "serem pensados pelos outros".³

Mas que, mesmo sendo conhecedores exímios ou 'à caminho' do que for, não perdem a humildade quando é necessário reconhecer seus equívocos, que não tratam a ninguém com autoritarismo e superioridade e, principalmente, que não duvidam que haja alguém maior e inexplicável além do que é perceptível – Deus – que "não se esquecem de que são mortais"⁴.

Assim,

[...] espero que você, leitor crítico acrescenta o que me tenha escapado ou cuja importância não tenha percebido [...] pois de uma coisa qualquer texto necessita: que o leitor a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa. É isto, o que este, espera de você [...].⁵

A ESSES dedico e compartilho o resultado (por hora) de um intenso trabalho acadêmico, profissional, eclesiástico e, inevitavelmente, pessoal.

Carinhosamente,

Tatiane.

³ LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia e Educação: elucidações conceituais e articulações*. São Paulo: Cortez, 1996. p. 25. Adaptado.

⁴ CORTELLA, Mário Sérgio. *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*. 13. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011. p. 139. Adaptado.

⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p.14;22.

EPÍGRAFE

Algumas “Palavras – Ação” que revolucionaram seu contexto e sua época:

**“E disse Deus:
Haja luz e houve;
Haja o firmamento e houve;
Haja terra seca e houve;
Haja luminares e houve;
Haja os peixes e as aves e houve;
Haja os animais terrestres e o homem e houve;
e viu Deus tudo quanto tinha feito [...]”**

(DEUS Onisciente, Onipresente e Onipotente – [s.d.?] a.C.)

“Pai Está Consumado.”

(Jesus Cristo, 33[?] d.C.)

“Independência ou Morte!”

(Dom Pedro I, 7 de setembro de 1822)

“[...] Sejam Livres [...]”

(Princesa Isabel:
Ventre Livre - Lei nº 2040 de 28.09.1871;
Sexagenário - Lei n.º 3.270 de 28.09.1885;
Áurea - Lei Imperial n.º 3.353 de 13.05.1888)

“Proclama-se a República nos Estados Unidos do Brasil.”

(Marechal Deodoro da Fonseca, 15 de novembro de 1889)

RESUMO

O presente Trabalho Final de Mestrado, essencialmente de revisão bibliográfica, se propôs a refletir sobre “o poder da palavra em sua esfera conceitual” e para isso, o entende como “ponte que pode intermediar a autonomia da pessoa” ou de várias delas quando em um grupo. Para tanto, organizou-se em capítulos, que demonstram através de sutis “múltiplas dimensões”, a saber: antropológica, educacional e religiosa, a estruturação dessas pontes na busca pelo direito de dizer a própria palavra. Precedendo o primeiro capítulo fez-se um breve *feedback* pela história tentando mostrar a relevância do poder da palavra no desenvolvimento da humanidade até encontrar-se nos moldes como é conhecida atualmente. Esse *feedback* perpassou pelo escravo, pela mulher, pela criança, pela pessoa com necessidade especial, pelo negro, pelo índio, pelo pobre, ou seja, por aqueles que realmente tiveram por longo tempo seu direito à palavra negado. A dimensão antropológica trouxe em si discussões sobre a “ética do cuidado pessoal, coletivo e planetário”, onde foi possível constatar que o direito de dizer a própria palavra está diretamente relacionado à postura decisiva e ao trato humanitário primeiramente pessoal e em seguida coletivo. E essa postura mostrou que consequentemente se reflete no bem estar planetário. A dimensão educacional tratou das “teorias de formação multiprofissional e sua perspectiva multireferencial por meio da gestão para a liderança e a espiritualidade e, as interfaces da práxis docente: saber e mediar o aprender a dizer a própria palavra.” Nessa, observou-se que as características da nova formação profissional docente e a atual maneira de compreender e conduzir a educação possibilitam em demasiado a auto-sensibilização e conscientização dessa nova geração de cidadãos que certamente saberão requerer e utilizar com segurança e propriedade seu direito à palavra. Por fim, a dimensão religiosa apresentou a “abordagem da fé”. Esse capítulo enfatizou a autonomia da palavra absolutamente pessoal quando se trata de relacionamento espiritual, entretanto, com vistas ao respeito e participação junto às tradições e às culturas religiosas. Juntas essas dimensões ou pontes estruturais, podem possibilitar a sensibilização, a conscientização, a motivação e finalmente a (transform)ação dessas pessoas/cidadãos em prol do seu direito de posicionar-se e de se fazerem ver, ouvir e consequentemente, respeitar frente à sociedade em suas distintas esferas, pois, se compreendidas e manifestadas, essas concretizam a palavra pessoal autônoma. Desta forma, afirma Freire que, dizer a sua palavra não é privilégio nem direito de alguns homens, mas sim, de todos eles. Falar apenas do direito à palavra é ainda uma postura branda, visto que ter opinião e ação é um dever de todo cidadão consciente e comprometido com seu meio. Portanto, nesse contexto (e parafraseando Clarice Lispector) entende-se e acredita-se que a força da ‘minha’ palavra tem poder de domínio sobre as transformações do ‘meu’ mundo.

Palavras – Chaves: Pessoa(s); Autonomia; Palavra; Poder; (Transform)Ação.

ABSTRACT

This Final Work of Master essentially a literature review aimed to reflect on "the power of the word in its conceptual sphere" and for that, understand it as a "bridge that can mediate a person's autonomy" or several of them when a group. To this end, organized into chapters, which show through subtle "multiple dimensions", namely: anthropological, religious and educational, the structuring of these bridges/ways in the search for the right to say the word. Preceding the first chapter has a brief history feedback by trying to show the relevance of the power of the word in the development of mankind to find himself in the mold as it is known today. This feedback pervaded by the slave, the woman, the child, the person with special needs, the black, the Indian, the poor, or, for those who really had long denied their right to speak. The anthropological dimension itself brought discussions about the "ethics of care staff, collective and planetary", where it was found that the right to say the word itself is directly related to posture and decisive humanitarian behavior first personal and then collective. And this attitude showed that consequently is reflected in global welfare. The educational dimension dealt with the "theories of the formation and its multidisciplinary perspective multireferential through management to leadership and spirituality, and the interfaces of practice teaching: mediating learning and learning to say the word." In this, it was observed that the features of the new teacher training and the current way of understanding and conduct education possible in too self-awareness and awareness of this new generation of citizens who know certainly require and safely use their property and right to speak. Finally, the religious dimension presented "approach to faith." This chapter emphasizes the autonomy of the word entirely when it comes to personal spiritual relationship, however, in order to respect and participation with the traditions and religious cultures. Together these dimensions or structural bridges, can enable the awareness, awareness, motivation and finally to (transform)action of these people / citizens in favor of his right to position themselves and make themselves see, hear and therefore comply with front society in its different spheres, for if understood and expressed, those delivering the personal word autonomous. Thus, Freire says that, saying his word is not a privilege or right of some men, but of them all. Speaking only of the right to speak is still a soft stance, as to have an opinion and action is a duty of every citizen conscious and committed to their surroundings. Therefore, in this context (and paraphrasing Clarice Lispector) means and it is believed that the strength of 'my' word has power of control over the transformation of 'my' world.

Key - Words: Person(s), Autonomy, Word, Power, (Transform)Action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 ÉTICA DO CUIDADO PESSOAL, COLETIVO E PLANETÁRIO	15
1.1 O CUIDADO: A ESSÊNCIA DA ÉTICA PESSOAL, COLETIVA E PLANETÁRIA	15
2 AS TEORIAS DE FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL E SUA PERSPECTIVA MULTIREFERENCIAL	29
2.1 GESTÃO PARA A LIDERANÇA E A ESPIRITUALIDADE	29
2.2 INTERFACES DA PRÁXIS DOCENTE NOS ATOS DE APRENDER A DIZER A PRÓPRIA PALAVRA	36
3 A ABORDAGEM DA FÉ EM FOWLER E NAS ESCRITURAS “SAGRADAS”	53
3.1 A FÉ E O DIREITO PESSOAL DE DIZER A PALAVRA AUTÔNOMA.....	53
CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	71

INTRODUÇÃO

A PALAVRA em qualquer um de seus aspectos - oral / fonética; gestual; e ou escrita / letrada, numérica, de imagens - é o mais poderoso instrumento de libertação ou alienação do qual o ser humano dispõe.⁶ O rei Salomão, conhecido por sua sabedoria ao falar e escrever, destaca que “a morte e a vida estão no poder da língua [...]”⁷, ou seja, da palavra.

Um documento-marco para o cenário sócio-político brasileiro na busca pelo direito à própria palavra é, principalmente, a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 ao tratar legalmente da concepção da igualdade e da democracia.

Nela, estão previstas e apresentadas no art. 3º, inciso IV e no *caput* do artigo 5º a obrigatoriedade da aniquilação das desigualdades e da discriminação que dizem respeito à raça, cor, origem étnica, sexo, opção sexual, idade, orientação civil, idioma, religião, deficiências, estética, opinião política, posição econômica ou qualquer outra condição, bem como, o direito à igualdade de todos⁸ - nesse caso específico os brasileiros -.

A relação existente entre o direito à própria palavra e os amparos legais apresentados se dá no fato de que anteriormente à essa Constituição (e de similar forma em outros países), o direito de vez e voz ficava a cargo de poucos “poderosos” que “intermediavam” os interesses de mulheres, pessoas com necessidades especiais, crianças, negros, pobres, estrangeiros não nacionalizados, nacionalizados, entre outros.

Uma vez alcançado o direito à própria palavra foi, pela configuração democrática da referida constituição, conjuntamente possibilitado a todos os

⁶ A **Palavra** É um vocábulo provido de significação; **Expressão verbal do pensamento**; Faculdade de falar; Poder da Oração, do Discurso, da Pregação, da Doutrina; Arte da Palavra; Retórica; Arte da Literatura; Dom da Palavra. Exemplos: Pessoa de Palavra = que cumpre o que promete; Só ter uma Palavra = ater-se ao compromisso; Medir (ou pesar) as Palavras = tomar cuidado no que diz; **Dar a Palavra à = permitir que alguém fale**; **Pedir a Palavra = solicitar permissão para falar**; **Direito de dizer a Palavra = direito reconhecido a qualquer membro de corpo deliberativo de pedir e obter a palavra para a expressão da própria opinião ou a de um grupo, em seu nome.** DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/palavra/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011; NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Palavra*. Acesso em: 15 de setembro de 2011. Grifos meus.

⁷ PROVÉRBIOS. *In*: BÍBLIA, de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD. 2002, p.949, cap. 18 – vers. 21.

⁸ CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 15 de jan. de 2012.

cidadãos do país, igual poder de ação, ainda que algumas pessoas não saibam, não queiram ou mesmo não consigam utilizá-lo.

Desta forma percebe-se que o PODER⁹ conceitual da palavra, seja declarada e ou representada graficamente está na libertação ou alienação que essa traz por si só, enquanto palavra de conhecimento, de pensamento, de sentimento e ou de ação.

Por sua vez, o poder em questão pode ser entendido por dois vieses: 1. o poder da palavra de outros – percebido quando o ser exime-se do direito à palavra, liberando-a espontaneamente a outrem ou sendo persuadido a isso; e 2. o poder da própria palavra - manifesto quando o ser utiliza a própria palavra com fins resultantes de um crescimento gerado pela sensibilização, reflexão, conscientização e amadurecimento enquanto pessoa.

Entretanto, algumas pessoas ainda não conseguiram alterar sua realidade por meio de sua própria postura e a vivencia dessa situação no século XXI, também conhecido como o século da Sociedade do Conhecimento e Sociedade da Informação e da Informatização, é preocupante, pois, “não há palavra verdadeira que não seja práxis, que não transforme a realidade. [...] se ela não transforma a realidade é porque na verdade é inautêntica.”¹⁰

Assim, diante as conquistas constitucionais mencionadas é imprescindível que cada um realmente estruture sua ponte - a palavra - para que essa possa intermediar a autonomia pessoal.

Assim, decidiu-se no âmbito desta pesquisa destacar três dimensões para elucidar a significação desta ponte. Poderia ser quaisquer outras dimensão que permeiem a vida de uma pessoa, portanto, a escolha dessas três foi apenas um recorte temático para tentar englobar o ser humano em esferas das quais ele não

⁹ O **Poder** é a capacidade ou possibilidade, por autoridade, mando, domínio, de fazer uma coisa. **Direito de decidir, de agir, de mandar. Ter o direito, a razão, o motivo de; Ter força física ou moral para exigir; Ter grande influência ou poder sobre; Autoridade ou autorização para.** Exemplos: **Poder emissor = de quem fala ou faz algo;** Poder Espiritual = sobre os membros de uma Igreja; Autoridade Civil = conjunto de atribuições que alguém pode exercer em função do seu cargo. DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/poder/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011; NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Poder*. Acesso em: 15 de setembro de 2011. Grifos meus.

¹⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p.77-8.

tem como eximir-se. Essas dimensões estão organizadas nos capítulos do trabalho final e são elas:

- Tópico 1 – a dimensão antropológica, tendo como diálogo inicial a concepção da pessoa como sujeito sócio-político apto à palavra através da ética do cuidado pessoal, coletivo e planetário;
- Segundo tópico – a dimensão educacional, observada por meio das teorias de formação multiprofissional e sua perspectiva multireferencial. Seus subtópicos compreendem: gestão para a liderança e a espiritualidade e as interfaces da práxis docente nos atos de aprender a dizer a própria palavra;
- Reserva-se para o último tópico a dimensão religiosa e suas discussões se darão a partir da abordagem da fé em Fowler e nas Escrituras Sagradas, uma vez que também se permite ao ser humano ter a sua palavra autônoma na fé.

Enfim, convivendo nos meios sociais como na escola, na igreja e em outros cenários, pode-se perceber que o direito à palavra continua sendo, em significativa porcentagem, ora retirado e negado às pessoas ora negligenciado por elas mesmas, sem grandes constrangimentos e posteriores punições.

Parte dessas pessoas - alienadas de exercer seu direito de vez e voz por motivos variados, e sendo o mais grave deles o, ainda, alto índice de baixa escolaridade, por sua vez, fragilizadas e manipuladas com tamanha maquiagem social, inclusive em cenários onde esta maquiagem não é esperada, como é o caso dos sistemas educacional e religioso - se permitem reproduzir o que a minoria, que detém o poder, decide por todos como sendo 'o bem comum'.

Certamente a observação ao longo dos anos, em um primeiro momento inconsciente e depois consciente dessa maquiagem, na verdade sofrida pessoalmente e também visualizada em outros, foi o maior indicador para a realização do presente trabalho.

Surge com isso, a inquietação de poder conjecturar sobre tais fatores, ainda que de forma discreta, sem ter a certeza do impacto que esse pode trazer para aqueles que não apenas o lerem, mas principalmente, o terem como fonte inicial de análises.

Destarte, para Aqueles que se dedicam à pesquisa, que amam o conhecimento e primam pela sabedoria, que fazem questão de contribuir para a transformação do meio que, conseqüentemente, 'os influencia' e que não aceitam

serem pensados pelos outros, a Esses, fica o convite a degustarem o conteúdo nas laudas da presente, resultado, por hora, de um intenso trabalho acadêmico, profissional, eclesiástico e, inevitavelmente, pessoal.

[...] espero que você, leitor crítico acrescente o que me tenha escapado ou cuja importância não tenha percebido [...] pois de uma coisa qualquer texto necessita: que o leitor a ele se entregue de forma crítica, crescentemente curiosa. É isto o que este texto espera de você [...].¹¹

Assim, sintam-se instigados a continuar suas pertinentes indagações e sua coragem em posicionar-se, pois, **“A Palavra É o Meu Domínio Sobre o Mundo.”**¹²

¹¹ FREIRE, 2002. p.14; 22.

¹²PENSADOR.INFO. *Frases de Clarice Lispector.* Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2011. Grifo meu.

1 ÉTICA DO CUIDADO PESSOAL, COLETIVO E PLANETÁRIO

No tocante à ética do cuidado pessoal, coletivo e planetário é significativo discorrer sobre, principalmente, os escritos de Boff através de suas obras: “Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os Humanos”¹³ e “Busca de um Ethos Planetário”¹⁴, partindo de suas conceituações e adentrando à suas contextualizações.

“As teorias éticas nascem e desenvolvem-se em diferentes sociedades como resposta aos problemas resultantes das relações entre os homens.”¹⁵ Assim, a ética¹⁶ tem sido fortemente empregada e discutida desde as últimas três décadas.

1.1 O CUIDADO: A ESSÊNCIA DA ÉTICA PESSOAL, COLETIVA E, CONSEQUENTEMENTE, PLANETÁRIA

De acordo com Boff¹⁷, até aproximadamente 1970 se falava muito mais em moral, pois, sabe-se que as sociedades são pautadas por um ‘ethos’ social, mas, com ‘muitas morais’ pessoais. Desta forma, a ética passou a ter uma conotação social elevada em virtude das mudanças legais, apresentadas no decorrer das laudas dos Direitos Humanos por se tratar, essencialmente, da maneira como as pessoas devem agir umas com as outras, bem como, com as demais formas de vida.

Diante da observação de Boff é possível conjecturar que ética não é apenas o que se pensa, mas sim, o que se faz em relação a alguém ou a algo - concordando ou não com isso - enquanto que moral é o que se sente e se pensa pessoalmente em relação a esse alguém ou a esse algo. Assim, moral é pessoal e ética é social, portanto, moral vem primeiro que ética o que não quer

¹³ BOFF, 2000. 128p.

¹⁴ BOFF, Leonardo. A Busca de um Ethos Planetário. In: *Revista Perspectiva: Numero colectivo latinoamericano sobre ecología - Comisión Teológica Latinoamericana de la ASETT / EATWOT*. Belo Horizonte / MG. 2010. 11p. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/403.htm>>. Acesso em: 16 de setembro de 2011.

¹⁵ FONTES, Carlos. *As Teorias Éticas – perspectiva histórica*. 2010. Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/etica.htm>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2012. p. 01.

¹⁶ “Ética é Conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente a determinada sociedade, seja de modo absoluto.” NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Ética*. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

¹⁷ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os Humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000. p. 98 – 100.

necessariamente dizer que uma sempre irá concordar com a outra. Ou seja, a ética torna-se elemento fundamental, indispensável para permear o cuidado pessoal, coletivo e planetário. Mas, e quanto ao cuidado, por que ele precisa ser respaldado pela ética, como se estabelece a relação entre eles?

Boff e outros autores tratam sobre a questão do cuidado em conformidade entre si e entre os termos, neste contexto entendido, primordialmente, como direcionar o pensamento e a atenção a alguém ou a algo, e, o seu tratar.¹⁸

A “Escritura Sagrada Cristã” orienta a cada pessoa “[...] amar o seu próximo como a si mesma.”¹⁹ Se analisada, pode-se perceber que essa é uma das premissas mais relevantes para a convivência entre os seres. Pois, partindo do pressuposto de que cada indivíduo deseja e busca o melhor para si (em todas as áreas de sua vida), acredita-se que o resultado evidenciado na maneira, desse tratar o seu próximo (semelhante orgânico ou não) estará eticamente voltada para o cuidado.

Destarte, Boff entende por ética do cuidado:

[...] uma relação amorosa para com os seres e a realidade, que tem por objetivo garantir-lhes a subsistência e criar-lhes um espaço significativo para o seu desenvolvimento. Assim, saber cuidar é a ética do humano e sem cuidado deixamos de “Ser humanos”, pois somente a partir da estrutura do cuidado se desenvolvem as dimensões do “Humano.” O cerne desta ética universal é a obrigatoriedade de tratar humanamente os humanos, independentemente de sua situação de classe, de religião ou de idade. Se resume na regra de ouro: “faze ao outro o que queres que te façam a ti”.²⁰

Vistos os termos em sua formação conceitual a priori, ele destaca a ética do cuidado pessoal que se dá a partir da sensibilização, conscientização e ação em relação a si mesmo primeiramente e, então, para com o outro.

Boff afirma que “[...] Em tudo os humanos devem colocar e colocam, cuidado: com sua vida, com seu corpo, com sua saúde, com seu espírito, com sua pessoa amada, com sua natureza, com sua casa, etc., pois, sem cuidado a vida perece.”²¹

¹⁸ Cuidado é Aplicar a atenção, o pensamento, a reflexão em algo ou alguém; Ter precaução, cautela, diligência, desvelo, zelo, responsabilidade, dar conta em relação a algo ou alguém. Pessoa ou coisa que é objeto de desvelos. Tratar de, tomar conta de [...]. NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Cuidado*. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

¹⁹ MATEUS. In: BÍBLIA, 2002. p.1.412, cap. 22 – vers. 39.

²⁰ BOFF, 2010, p.03.

²¹ BOFF, 2010, p.03.

Desta forma, entende-se que a ética do cuidado pessoal envolve tanto o cuidar de si próprio, quanto o tornar-se um viés para cuidar do outro ‘ser’ e sobre esta perspectiva, a ‘palavra’ tem grande poder.

O cuidado para consigo e para com o próximo está diretamente relacionado ao poder que a palavra exerce sobre as outras pessoas e as coisas, como por exemplo: a Palavra de autoridade para determinar algo em prol de si ou de outrem; a Palavra de afeto e ou de fé para acalantar alguém; a Palavra de ensino para direcionar; entre outras. O fato é que sem as palavras, e seu poder, as ações correm o risco de não serem entendidas ou serem mal e/ou insuficientemente interpretadas.

Boff começa a tratar do cuidado coletivo a partir da ideia de que uma das formas de universalizar o “discurso ético” entre os humanos é através do “Utilitarismo Social”²², ou seja, de um discurso que se volte às necessidades sociais de cada local, sua época, a idade de seus habitantes e sua cultura, pautados nas leis que regem os direitos humanos destes, pois, esse tipo de discurso deixa transparecer que a questão ética varia dependendo do espaço e tempo geográfico em que cada povo está inserido.

O importante foco desse discurso é que esse desencadeie uma ação ética coletiva e que a mesma tenha uma real e universal utilidade social alcançando o bem comum, o cuidado coletivo.

Infelizmente, parte da população apenas age de forma a “buscar o bem comum” – se é que se pode conceituar assim –, por medo das represálias que poderão sofrer legalmente e, assim, passam em seu processo social pela “coisificação”, substituto da “humanização”, dando muito mais valor “ao obter e ter que ao ser”, “ao acumular que ao compartilhar”.

Freire analisa profundamente essa questão em sua obra - *Pedagogia do Oprimido de 1987* - e em suma destaca que:

[...] para os opressores o que vale é *ter mais e cada vez mais* à custa do *ter menos* ou do *nada ter* dos oprimidos. *Ser* para eles é *ter*, especialmente como classe. [...] e quanto mais controlam os oprimidos, mais os transformam e se transformam em “coisas”. [...] essa situação muitas vezes os levam a agredirem-se uns aos outros. [...] os opressores querem na verdade é transformar a mente do oprimido e não a situação que os oprime.²³

²² BOFF, 2000, p. 49 – 56.

²³ FREIRE, 2003. p. 46; 48; 60.

Isso demonstra que a consciência ética não é a primeira a elencar as ações de todos os seres.²⁴

Quem mais sofre com essa realidade são aquelas “pessoas que estão condicionadas à cultura do silêncio”²⁵, povo simples que não se sente capaz de expressar sua própria palavra e, sem grandes opções, acaba por permitir ser representado por outrem com interesses muitas vezes particulares.

Essas pessoas conseguem revelar suas necessidades apenas por meio de apelos abafados, por “gritos silenciosos”. São a maioria da população que não encontram amparo junto à outra parte da sociedade, menor, porém, mais forte e organizada. Boff,

[...] faz uma crítica rigorosa aos principais formuladores de um *ethos* mundial pelo fato de, em sua maioria, não terem consciência de seu lugar social que é o centro do poder. Deste lugar central dificilmente se dão conta de que existe uma periferia e uma exclusão mundial, fruto destes sistemas fechados, incapazes de incluir a todos e, por isso, produtores permanentes de vítimas. Como podem universalizar suas propostas se deixam de fora, excluídos, os pobres que constituem a maioria da Humanidade? Somente chegamos à universalidade se partirmos de uma parcialidade, dos últimos, dos que estão de fora, dos que têm seu ser negado. Partindo desta parte maior podemos nos abrir a todos os demais, sentindo a urgência das mudanças, necessárias, capazes de garantir uma efetiva inclusão e universalidade. Deixando-os de fora, teremos discursos éticos seletivos, encobridores, não universais e abstratos.²⁶

É sabido que devido ao crescimento populacional e conseqüentemente a crescente pobreza nas nações²⁷, o poder de decisão fica na mão de poucos poderosos. Esses organizam as regras, que, por sua vez, “parecem comuns a todos”, mas que, de maneira sutil, acabam por favorecer alguns em especial encontrando, assim, ainda mais campo para sua atuação.

Toda essa situação revela a grande importância de haver uma relevante transformação nos modos de ser e de viver em sociedade e de se constituir uma nova ética fundamentada na visão que tem por objetivo o bem comum.

Trata-se da forte urgência de se libertar a maior parte da população da situação de miséria social, espiritual e intelectual. Todavia, só será possível haver

²⁴ Chalita menciona o princípio evidenciado no trecho da referência em seu livro “Os Dez Mandamentos da Ética”, uma releitura de “Ética À Nicômaco” - de Aristóteles. CHALITA, Gabriel. *Os Dez Mandamentos da Ética*. São Paulo – SP: Sem Fronteira, 2009. 232p. E da mesma forma escreve FONTES, 2010, p. 02.

²⁵ FREIRE, 2003. p. 47.

²⁶ BOFF, 2010. p. 04.

²⁷ BOFF, 2000, p. 83 – 88.

mudanças quando os próprios afetados decidirem que é chegado o momento de agir em causa própria, ou seja, tomarem “mão” do direito de dizer a própria palavra.

A ética, pois, deve partir do outro, não do outro simplesmente, mas do outro mais outro que é o pobre e o excluído, o negro e o indígena, a mulher oprimida, o discriminado pelos mais variados preconceitos. Esse pobre representa mais que uma categoria econômica, constitui uma grandeza antropológica; ele tem um rosto.²⁸

Diante da visível indignação de Boff por meio das análises sociais que faz a partir do direito ao “discurso ético” que trata do “utilitarismo social” como um todo, ele acredita que existem

[...] duas virtudes que acompanham a ética do cuidado: a auto-limitação e a justa medida. A autolimitação [*sic*] é a renúncia necessária que fazemos de nossos desejos e da voracidade produtivista e consumista para salvaguardar a integridade e a sustentabilidade do nosso planeta. A justa medida tutela os interesses privados para que não se sobreponham aos coletivos que formam o bem comum. Ou seja, uma cultura de relações e consumo responsável e solidário.²⁹

Contudo, segundo Boff, algo muito mais grave se instaura, pois desencadeia-se nesse cenário “a urgência de um ethos mundial, visto que problemas globais exigem soluções – possíveis – globais”³⁰. Essa urgência ainda permeia o cuidado coletivo e já adentra na esfera do cuidado planetário, uma vez que não se deve dissociar coletivo e planeta, pois o planeta é representado tanto por seres únicos como por grupos de seres, independente da espécie, em busca da própria sustentabilidade e da sustentabilidade do referido.

Assim, conforme suas análises, a crise social, um problema global de controle de natalidade, sustentação alimentar e apoio de saúde suficientes, moradia, segurança, educação e outros, acontece devido às grandes mudanças pelas quais a sociedade vem sofrendo ao longo do tempo.

“Os contextos históricos são pois elementos muito importantes para se perceber as condições que estiveram na origem de certas problemáticas morais e éticas que ainda hoje permanecem actuais [*sic*]”.³¹

Então, para compreender melhor essas mudanças sociais, basta observar os cenários da antiguidade, grande poder científico, da idade média, retrocesso

²⁸ BOFF, 2010, p. 4.

²⁹ BOFF, 2010, p.08-09.

³⁰ BOFF, 2000, p. 13 – 14.

³¹ FONTES, 2010. p.1.

evolutivo – era das trevas, da idade moderna, alavancar científico, retorno à era do renascimento, da luz.

Até o advento dessa última, alguns aportes históricos que demonstram essas mudanças podem ser destacados como exemplos:

As mulheres têm conquistado seu espaço, com visível dificuldade e bravura. Os Arquivos do Conselho Estadual dos Direitos da Mulher / Rio de Janeiro (CEDIM/RJ) e do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher de Porto Alegre (COMDIM/POA)³², referentes aos “Direitos conquistados na História”, por exemplo, demonstram que apenas a partir da metade do séc. XVIII, por volta de 1759, finalmente as mulheres começaram a enfrentar, visível e declaradamente, as barbáries do domínio masculino exigindo seu direito de palavra. Daí em diante, não pararam de lutar por sua vez e voz.³³

As crianças, por sua vez, desde a época da antiguidade até o início da modernidade nem mesmo eram contadas entre as pessoas (inclusive biblicamente). A partir da modernidade começaram a ser consideradas “mini-adultos” ou “adultos em miniatura” e precisavam agir com grande senso de responsabilidade, respeito e maturidade.

Em se tratando das pessoas com algum tipo de necessidade especial, essas foram denominadas de diversas formas ao longo da história da humanidade:

Desde a antiguidade até meados do século XX: Endemoniados, Inválidos, Incapacitados; Em cerca de 1.960: Doentes, Excepcionais; De 1.961 a 1.980: Deficiente, Imperfeito; De 1.981 a 1.987: Pessoa com Deficiência (problema); De 1.988 a 1.993: Portador de Deficiência; De 1.994 até 2.006: Pessoas com Necessidades Especiais e ou Pessoas Especiais; De 2.007 a 2010: Pessoas com Necessidades de Atendimento (Educativo / Patológico / Emocional ou outro) Especializado; A partir de 2011: Pessoas Portadoras de Deficiência.³⁴

Fontes³⁵ escreve que as Revoluções Industrial e Francesa, ambas, “divisoras histórico-sociais de águas” foram responsáveis pelo grande impacto no sistema de trabalho de sua época e da forma como esse é conhecido hoje.

³² DIREITOS Conquistados na História. Arquivos do CEDIM/RJ-1996 e COMDIM/POA – 2000. Disponível em: <<http://www.comdim-poa.ufrgs.br/feminismo.htm>>. Acesso em: 04 de jan. de 2012.

³³ Um exemplo disso foi o início do século passado, em 1932, onde o movimento das sufragistas garantiu às mulheres a conquista do direito de votar.

³⁴ LAQUIMIA, Tatiane Patrícia. *Competências e Habilidades Profissionais Indispensáveis para o Atendimento ao Educando com Necessidade Educacional de Intervenção Especializada*. Ariquemes/RO, Faculdades Integradas de Ariquemes – FIAR. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação com Licenciatura em Pedagogia. 2007. p. 41.

³⁵ FONTES, online, 2012, 03 p.

Os breves exemplos de luta pelo direito à própria palavra e tantos outros advindos desde então, fazem com que a (neo)contemporaneidade seja caracterizada entre os atuais filósofos, sociólogos, antropólogos e outros pesquisadores de diversas linhas como a “Geração da Informação e da Informatização” e ou “Era do Conhecimento”, devido ao advento mundial de evolução tecnológica, acompanhada de suas *sempre novas* ofertas e conseqüentemente sua demanda - seus nativos - também conhecida como “Geração X, Y” e ou, principalmente, “Z”³⁶, com suas idas e vindas evolutivas, que são de conhecimento público.

Nesse, – ainda poucas – pessoas foram lutando por seus direitos, que acabam por ser representados pela palavra e seu poder de impacto. Um bom exemplo disso, conforme Melo³⁷ é a “Emenda Dante de Oliveira” de 25 de abril de 1984. Esta respaldou o movimento nacional por eleições diretas, que ficou conhecido como “Diretas Já”. É sabido que os objetivos políticos das “diretas já” não foram alcançados imediatamente. Porém, sua manifestação, tempos depois, promoveu o surgimento, segundo Michiles³⁸, dos plenários, comitês, movimentos de pró-participação, “emendas populares”, visto que o fundamento da democracia brasileira se respalda no seguinte princípio: “Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos diretamente.”³⁹

Uma das áreas que vem sofrendo considerável impacto é a do sistema de trabalho, que tem substituído sua mão de obra qualificada pela mão de obra informatizada, que na realidade ‘é a nova mão de obra qualificada!’ Assim, a presença da robotização no mercado de trabalho atual disseminou um novo padrão civilizatório, onde humanos podem ser, quando não o são, descartáveis, uma vez que esses estão propensos a adoecerem, faltarem aos compromissos firmados, se

³⁶ “**Geração X:** Esta geração é composta dos filhos dos Baby Boomers - crianças nascidas durante uma explosão populacional após a Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1960 e 1980. **Geração Y:** Pessoas nascida entre os anos 1980 e 2000. São, por isso, muitos deles, filhos da geração X e netos da Geração Baby Boomers. **Geração Z:** Formada por indivíduos nascidos a partir da Geração Y (de 1995 em diante).” Conceitos extraídos fielmente de: SERRANO, Daniel Portillo. *Geração X, Geração Y, Geração Z...* 27/06/2010. Disponível em: <http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm>. Acesso em 17 de outubro de 2011.

³⁷ MELO, 2004. p. 13 – 42.

³⁸ Para maior embasamento teórico conferir: MICHILES, Carlos et al. *Cidadão constituinte: a saga das emendas populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

³⁹ MELO, 2004. p. 38.

cansarem, entre outras características tipicamente humanas, ao passo que, os robôs constituem-se diferentemente.

Há de se destacar que, boa parte do sistema financeiro mundial é de ordem capitalista, as considerações feitas anteriormente podem denotar uma possível e próxima crise, ainda maior que a vivida de 2009 a 2011 pelos países desenvolvidos e aqueles em ascensão.⁴⁰

Cortella⁴¹ com demasiada certeza, diz que toda a correria em torno de sucesso e reconhecimento, também expressa por Freire⁴² quando falou da atual coisificação do homem, deva ter aproximadamente mais uma década de fulgor. Segundo Cortella, as pessoas até o fim da década de 1990 quando questionadas sobre a importância da carga horária e dos benefícios salariais, não hesitavam em dizer que preferiam trabalhar muito e acumular renda. Todavia, afirma que as mesmas questões hoje possuem respostas bem distintas das anteriores. As pessoas sonham em trabalhar bem menos, cerca de 4 ou 6 horas por dia, falam em não “levar trabalho para casa” e em terem tempo para desfrutar de um agradável período cada vez mais frequente de lazer junto à família e amigos, com qualidade de vida, ou seja, em meio à natureza.

Essas e outras situações sociais atuais podem ser as responsáveis pela bifurcação que Boff mencionou: de um lado uma nova perspectiva de humanidade que detém o poder nas esferas econômicas, políticas e científicas em contraposição à humanidade dos padrões antigos que tentam ‘sobreviver’ aos novos moldes sociais, inseridos em graves patologias psicossomáticas, ainda que de forma pouco ética, em relação aos padrões sociais atualmente aceitáveis.

Contudo, há de se considerar que a contemporaneidade vem trazendo melhorias para toda a humanidade, todavia, devido ao desrespeito que o ser humano demonstra em relação ao seu habitat, novas crises vêm se estabelecendo.

Pois, para suprir todas as novas necessidades humanas e industriais, tem-se deteriorado a biosfera, em todas as suas áreas possíveis, de forma que a continuidade da vida no planeta corre risco, já que os solos, as águas e os climas passam constantemente por transformações, ou seja, a dinamização planetária, em

⁴⁰ Em relação a isso, Boff sutilmente, faz uma crítica ao capitalismo remetendo-se à uma apologia ao movimento de reforma agrária ou ainda ao socialismo, que converte-se em comunismo, como forma de administrar o cuidado coletivo eticamente.

⁴¹ CORTELLA, 2011.

⁴² FREIRE, 2003.

nada favoráveis a daqui a algum tempo, haver a permanência humana nesse espaço cósmico.

Mas, por se constituir em um ser altamente comunicativo, o diálogo pode ser a porta para o estabelecimento de uma ética pautada na discussão e decisão do bem comum – planetário, pois, “uma sociedade mundial única (geosociedade) necessita de um único *ethos* básico, caso contrário, não se garante o futuro comum.”⁴³

Não será suficiente pensar sobre um discurso ético em um viés utilitário social se não houver ao mesmo tempo a presença da ‘Palavra – ação’ na busca do e pelo ético cuidado coletivo.

Para Boff, como fora mencionado, o discurso ético possui várias facetas e outra dessas é a “ética da ação comunicativa”⁴⁴, que se apresenta por meio do diálogo, remetendo-se a um senso de regras que servem para equalizar um povo e para firmar um pacto com outros povos interessados no bem comum do planeta.⁴⁵ Através dessa ética se suscita uma questão primordial da humanidade: o fato de todos serem essencialmente “seres naturais”. Nessa perspectiva, de uma ética fundamentada na natureza, ele acredita conseguir suscitar um diálogo referente à verdade *das coisas* e não apenas *sobre elas*.

Boff, em sua obra⁴⁶, trata também sobre o phatos e o cuidado como nova plataforma do *ethos* humano e planetário, que vem impregnada de essência em premissas como: Se Sinto, Penso e Ajo, Logo Existo; e, Como Base da Essência Humana, O Cuidado.

Boff tenta mostrar que o sentir, o fato de poder se colocar no lugar do outro pode levar as pessoas, pessoal e ou coletivamente, a repensarem o *ethos* mundial.

Embora pareça redundante, há uma grande necessidade de consenso entre o *logos* e o phatos para se chegar à um *ethos* real – o de entender que: conhecimento e sentimento; mente e coração; razão e emoção; e, o racional e o devocional devem andar juntos permanentemente em todas as esferas da vida

⁴³ BOFF, 2010, p. 4.

⁴⁴ BOFF, 2000, p. 57 – 64.

⁴⁵ Para mais fontes, consultar ainda as linhas teóricas de Habermas, Kant, Marx, Hobbes, Locke e Rousseau.

⁴⁶ BOFF, 2000, p. 101 – 106.

carnal e espiritual, pois, “[...] o ser humano é fundamentalmente um ser de cuidado - mais sensibilidade que razão”⁴⁷, então,

[...] qual é a experiência-base da vida humana? É o sentimento, o afeto e o cuidado. Não é o logos, mas o pathos. Sentio, ergo sum (sinto, logo existo). Pathos é a capacidade de sentir, de ser afetado e de afetar. A existência jamais é pura existência; é uma co-existência, sentida e afetada pela ocupação e pela pre-ocupação, pelo cuidado e pela responsabilidade no mundo com os outros. O pathos não se opõe ao logos. O sentimento também é uma forma de conhecimento. [...] Biologicamente está ligado ao cérebro límbico.⁴⁸

Para compreender a citação anterior é importante conhecer sua essência científica. Desta forma, Boff⁴⁹ relata que quem percebeu esta dimensão do pathos genialmente foi Blaise Pascal ao afirmar que os primeiros axiomas do pensamento vêm intuídos pelo coração e que cabe ao coração colocar as premissas de todas as possibilidades de conhecimento do que é real. E a análise empírica de David Golemann, com sua Inteligência emocional, veio confirmar o que essa base filosófica do conhecimento, apoiada em Platão, Agostinho, Boaventura, Pascal, Freud, Heidegger, Damásio e Meffessoli, afirmava. A mente é incorporada, quer dizer, o conhecimento e a inteligência vem repletos de emoções. É nas emoções que se elabora o universo das significações e dos sentidos existenciais. O conhecimento pelo pathos se dá num processo de sim-pathia, quer dizer, de comunhão entre o aceitar o que se sente e o real.

Isto posto, segue-se a ideia de Boff⁵⁰ de que alguns imperativos mínimos para uma ética mundial estão presentes na essência do exercitar e do compartilhar o Cuidado, a Solidariedade, a Compaixão, a Libertação, a Responsabilidade, o Diálogo e a Holística, não apenas entre os seres humanos, mas, para com todas as demais formas de vida.

Para os gregos, *ethos* significava fundamentalmente a morada humana, não em sua materialidade, mas em seu sentido existencial. Entretanto, para nós hoje, o *ethos*-morada não é mais a nossa casa, a nossa cidade ou o nosso país. É o inteiro planeta Terra, feito *ethos*-Casa Comum.⁵¹

É de extrema importância que o ser humano aprenda a aplicar princípios de ética também no setor planetário, ou seja, que se sensibilize, se conscientize, se

⁴⁷ BOFF, 2000, p. 106; BOFF, 2010, p. 08.

⁴⁸ BOFF, 2010, p. 07.

⁴⁹ BOFF, 2010, p. 08.

⁵⁰ BOFF, 2000, p. 107 - 126.

⁵¹ BOFF, 2010, p. 11.

motivo, agindo assim, de forma a cuidar não apenas de pessoas, mas também, dos demais seres vivos, das coisas e lugares.

Pois, cada um tem sua função vital em relação a si e aos demais e quando um não executa sua parte, compromete todo o processo e o Todo. Não se pode subdividir ou separar o ser vivo dele mesmo, nem do outro da mesma espécie, ou de outra, uma vez que ele é parte integrante de um só sistema - “do pó vieste ao pó voltarás.”⁵²

Essa ética eco-centrada⁵³ deseja criar uma consciência de civilização diferente da antiga, pautada tanto nos direitos humanos quanto nos demais direitos universais destinados a esses, como a “Carta da Terra”, por exemplo. Essa postura atitudinal só é possível a partir do poder da palavra declarada.

Finalmente, a questão espiritual não pode ser esquecida.

Para Boff⁵⁴, a religião é um ponto chave nas relações de ética entre os povos. Ele é muito sábio quando diz que “[...] não haverá um ethos mundial sem paz entre os povos; não haverá paz entre os povos enquanto não houver paz entre as religiões; não haverá paz entre as religiões enquanto não houver diálogo entre elas; [...]”⁵⁵. Essa é apenas uma gota no oceano das grandes disparidades que permeiam a ética entre as nações, mas, é imprescindível que essas encontrem um consenso mínimo para coexistirem com o mínimo de harmonia, visto que, nesse novo contexto de sociedade se espera uma real ética mundial também fundada nas tradições religiosas.

Boff alude sutilmente, de forma constante, à Bíblia. Com isso, pode também estar querendo dizer e fazer refletir que não há possibilidade de haver uma real transformação de ética e cuidado, enquanto o Ser Humano não reconhecer sua fragilidade perante a onisciência, onipotência e onipresença do Deus Trino, já revelada há milênios e desta forma,

[...] se faz necessário e urgente construir uma base comum a partir da qual possamos articular um consenso mínimo que salvguarde e regenere os Seres e a Casa Comum, hoje, crucificados pela injustiça social e pela devastação ecológica, garantindo, então, um futuro comum à Terra-Humanidade.⁵⁶

⁵² ECLESIASTES. In: BÍBLIA, 2002, p. 978, cap. 12 – vers. 7.

⁵³ BOFF, 2000, p. 89 – 97.

⁵⁴ BOFF, 2000, p. 76 - 82.

⁵⁵ BOFF, 2000, p. 78.

⁵⁶ BOFF, 2010, p.10.

Vistas as esferas do cuidado pessoal, coletivo e planetário, infelizmente, ainda se percebe que mesmo com avanços que representam instrumentos de desenvolvimento e progresso para o cenário sócio-político brasileiro há, ainda, desigualdades que se perpetuam ao longo dos tempos.

Ao longo de todo o século XIX e XX sucederam-se as teorias éticas que denunciaram o carácter [*sic*] repressivo da moral, estando muitas vezes: ao serviço das classes dominantes (Karl Marx, 1818-1883) ou dos fracos (Nietzsche, 1844-1900). Demonstrando a falta de sentido dos conceitos éticos, postulando o seu abandono por se revelarem pouco científicos (Alfred J. Ayer). Sigmund Freud (1856-1939) demonstrou o carácter [*sic*] inconsciente de muitas das motivações morais. Um das correntes que maior expressão teve no século XX, foi a que procurou demonstrar que o que denominamos por "ética" é apresentado como uma forma camuflada ou racionalizada de instintos básicos da nossa natureza. As profundas transformações sociais, culturais e científicas das nossas sociedades colocaram novos problemas éticos, como: a tecnociência (clonagem, manipulação genética, eutanásia, etc), ecologia, comunicação de massas, etc.⁵⁷

Desta forma, pensando nos problemas sócio-antropológicos e em outros que assolam a humanidade na atualidade, no ano de 2000, 191 delegações integrantes da Organização das Nações Unidas – ONU – reuniram-se para estabelecer as Metas de Sustentabilidade para o Milênio⁵⁸ que foram sendo discutidas por todos os países durante a década de 1990.

As metas definidas por esses foram:

- 1 - Erradicar a extrema pobreza e a fome.
- 2 - Atingir o ensino básico universal.
- 3 - Promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres.
- 4 - Reduzir a mortalidade infantil.
- 5 - Melhorar a saúde materna.
- 6 - Combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças.
- 7 - Garantir a sustentabilidade ambiental.
- 8 - Estabelecer uma parceria mundial para o desenvolvimento.⁵⁹

Erradicar a extrema pobreza e a fome, reduzir a mortalidade infantil, melhorar a saúde materna, combater o HIV/AIDS, a malária e outras doenças demanda em um controle de natalidade e planejamento familiar, cessão de moradia digna, seguridade de oferta de emprego condizente com a demanda, conhecimento

⁵⁷ FONTES, 2010. p. 02 – 03.

⁵⁸ OBJETIVOS da ONU para o Milênio: *8 Jeitos de Mudar o Mundo*. Disponível em: <<http://www.objetivosdomilenio.org.br/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2012.

⁵⁹ AS METAS do Milênio da ONU. Disponível em: <<http://www.institutoatkwvh.org.br/compendio/?q=node/19>>. Acesso em: 14 de jan. de 2012.

da política inflacionária, reorganização do sistema carcerário e legislativo, o sistema de saúde público, entre outros.

Atingir o ensino básico universal demanda mais que construção de escolas suficientes ou formação e contratação de profissionais na área, depende de saber mediar a utilização desse ensino e de suas informações é o que se faz com os resultados, para que não se tenha ao término do processo 'diplomados (in)funcionais'.

Garantir a sustentabilidade ambiental depende em primeiro lugar da formação cultural e "formal" de seus sustentadores. Assim, esse provavelmente não terá grande sucesso antes que o anterior esteja "entrando nos eixos" possibilitando real acesso e permanência na escola e garantindo um significativo usufruto para a vida.

Promover a igualdade de gênero e a autonomia das mulheres: talvez essa seja uma das metas menos complexa.

As mulheres estão aprendendo a lutar por seus direitos e isso pode ser percebido pelo índice de mulheres concluindo seus estudos, pela carteira de trabalho assinada em funções distintas e muitas delas outrora exclusivamente masculinas, pela forma como estão reagindo à violência doméstica, pela busca por estabilidade financeira em detrimento ao casamento precoce, entre outras. Essas mudanças demonstram um processo de transformação social.

Entretanto, ainda há um longo caminho onde se buscará dentre tantas áreas a igualdade de remuneração salarial e de, por exemplo, poder dominar sobre seus próprios corpos sem serem caracterizadas pelo preconceito.

Assim, nota-se que a ONU acredita na mobilização dos países, estabelecendo uma parceria mundial para o desenvolvimento proposto, em relação à determinação de ações que poderão contribuir para que esses objetivos sejam alcançados e demonstra esperar que cada cidadão desse planeta faça a sua parte em prol do real bem comum.

É interessante pensar que as metas apresentadas são esperadas para o milênio! Pois qualquer uma delas não depende exclusivamente de um ou outro indivíduo, estado, país, nem tão pouco será real em um curto espaço de tempo.

A verdade é que só existe uma ética expressa no cuidado pessoal, coletivo e planetário se todos estiverem comprometidos com grandes mudanças internas e externas, pois grandes metas, como as do milênio, pressupõem reais

responsabilidades e envolvimento maiores ainda e isso é esperado a partir desse novo cenário social indiscutivelmente por meio da força e do poder de sua própria palavra.

Na busca pela ética do cuidado pessoal, coletivo e planetário, cabe analisar um conselho deixado por Pitágoras quando afirma acreditar que se as crianças forem ensinadas, os homens não sofrerão com as conseqüentes represálias.

2 AS TEORIAS DE FORMAÇÃO MULTIPROFISSIONAL E SUA PERSPECTIVA MULTIREFERENCIAL

A 'formação multiprofissional' é apresentada nesse tópico por sugerir que uma única pessoa pode, atualmente, ter uma maior e variada abrangência em termos de competência e habilidade profissional. Nessa perspectiva sua área de atuação também se estende a novos horizontes e torna-se multireferencial, alcançando diversos públicos e resultados.

Para tanto, fora escolhido para esse tópico tratar do poder da palavra no cenário educacional e para desenvolvê-lo será feita uma analogia onde o professor é o gestor/líder, a escola é a empresa/instituição burocrática e os membros da comunidade escolar são os liderados/parceiros de trabalho.

Decidiu-se realizar essa correlação uma vez que a escola, atualmente, nem é mais vista como um local assistencialista nem tão pouco como um estabelecimento de exclusiva escolarização. Mas sim, constitucionalmente como um órgão que responde legalmente por suas responsabilidades e ações e nesse viés tornou-se um espaço democrático onde todos tem liberdade de expressarem sua postura.

Autores como Cortella, Hunter, Murad, Freire serão de fundamental importância para a compreensão deste tópico.

2.1 GESTÃO DE PROFESSORES PARA A LIDERANÇA E A ESPIRITUALIDADE

Até pouco tempo atrás era comum se ouvir falar em 'patrão' - o dono, aquele que comanda -, 'chefe' - o principal, o que exerce autoridade -, 'superior' - o que está acima dos demais, que têm subordinados -, 'supervisor' - aquele que fiscaliza, que tem empregados -.

Pensou-se, então, que esses termos poderiam sugerir autoritarismo sobre as pessoas, por isso, passou a se denominar 'gerente' - aquele que gerencia, que gere -, 'diretor' - quem dirige, quem governa.

Pouco depois, esse indivíduo que está à frente dos cargos de liderança foi nominado 'administrador' - aquele que tem cargo de confiança, que administra - e 'gestor' - uma mescla de gerente, diretor, administrador, sem, todavia, se remeter ao patrão, ao chefe, ao superior, ao supervisor -.

Finalmente, se fala ainda em gestor, mas essencialmente, em 'líder' - um gestor 'contemporaneizado' que orienta, guia, conduz, representa, intermedia sua equipe, essas, hoje também denominadas de: família, elenco, grupo, sócios, parceiros, entre outros. Sobre as transformações trata Cortella e outros autores em gestão para a liderança e a espiritualidade.

Cortella⁶⁰ entende a gestão que subsidia a liderança como algo indubitavelmente pessoal. Fala sobre gestão não em termos técnicos, explicando seu conceito, mas sim, o apresenta e relaciona frente e envolvido aos fatos cotidianos que podem definir o sucesso ou o fracasso de um indivíduo e daqueles que estão ao seu redor.

Seja o tempo, a individualidade, a vida familiar, a vida confessional, o trabalho, o lazer, enfim, tudo, precisa de uma organização que resulte em atender a todas as dimensões da vida diária sem, entretanto, esquecer que o próprio ser precisa estar feliz, realizado e contemplado.

No ensejo Cortella diz que “a espiritualidade é a capacidade de olhar que as coisas não são um fim em si mesmas, que existem razões mais importantes que o imediato. Que tudo o que se faz, tem na verdade, um sentido.”⁶¹ Então, ser espiritualizado não é mostrar-se fanático por uma determinada religião, dentro ou fora do ambiente gerido e ou liderado, mas sim, mostrar-se como um ser humano melhor que prioriza as pessoas, os momentos, as relações em detrimento às coisas e às convenções.

Bem, uma vez que o indivíduo aprende a gestar e ou liderar as dimensões de sua vida, ele precisa estabelecer uma relação com os demais seres sociais.

Assim, para Hunter⁶² em relação à gestão e à liderança de outrem é imprescindível diferenciar ter “poder autoritário” de ter “poder e autoridade”: o primeiro é obrigar as pessoas a fazerem aquilo que elas não querem por estarem sendo coagidas a isso, devido à sua posição em relação a elas; o segundo é conquistar as pessoas a fazerem por vontade própria, aquilo que – independente de quererem ou não – será importante para o bem de todos, devido à sua credibilidade diante delas.

⁶⁰ CORTELLA, 2011. p. 57-60.

⁶¹ CORTELLA, 2011, p. 13.

⁶² HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Tradução de Maria C. F. Magalhães. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2004. p. 25-7.

Ou seja, ele deseja considerar que liderar é influenciar as pessoas, pelo bom caráter e os próprios exemplos, o que demonstra exímio poder da própria palavra, a fazerem aquilo que é importante para o bem delas e de todas as outras pessoas, e o mais importante: que o façam de forma consciente, agradável, voluntária, eficiente e eficaz.

Para isso é de extrema importância que o líder entenda que tudo na vida gira em torno dos relacionamentos e a confiança é o ingrediente mais importante para o sucesso de qualquer relacionamento.

Assim é importante desenvolver seu trabalho ao mesmo tempo em que se constroem os relacionamentos. Todavia, mesmo fazendo tudo para que seus liderados se envolvam, acostume-se a ter muitos envolvidos e poucos comprometidos.

Há quem pense que liderar uma ‘empresa’ do primeiro, segundo ou terceiro setor é tarefa fácil que se assimila sem esforço ou de repente, ‘por osmose’ e que pode ser executada por pessoas sem formação e ou inexperientes na área.

Para que se tenha uma gestão eficaz e duradoura é importante que os interessados, nesse caso os próprios gestores, além de se preparem academicamente, também proporcionem aos seus parceiros de trabalho meios de participarem de cursos de formação continuada, cada qual em sua área, visando um maior e melhor desempenho em sua função.

Hunter⁶³ confirma a frase quando relata que um líder deve desejar o sucesso dos seus liderados e incentivá-los dando condições para que esses se tornem ainda melhores tanto pessoal quanto profissionalmente, orientando as pessoas a se autorealizarem por meio do estudo, do lazer, enfim, do crescimento contínuo e isso se dá por meio da superação constante deles próprios.

Murad diz sobre os “Pilares da Gestão”⁶⁴, que não há um manual pré-estabelecido que possa garantir o sucesso de um gestor em um processo de gestão, se esse não levar em consideração o dado local, o dado tempo, a dada cultura popular, entre outros fatores, pelo contrário, diz que é necessário um árduo compromisso com o crescimento pessoal e a formação profissional constantemente. Complementa enfatizando que são vários os detalhes a serem observados antes,

⁶³ HUNTER, 2004.

⁶⁴ MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade: Uma porta entreaberta*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 19 - 42.

durante e depois, ou seja, no processo completo, do ato de gerenciar, uma vez que são esses quem garantem o sucesso esperado.

Sendo assim, compreende-se que o ponto de partida para qualquer gestor é formar-se permanecendo inserido nesse contínuo processo. Tajra aproveita para lembrar aos acomodados tecnológicos que “quem detém o conhecimento detém o poder. Quem detém o conhecimento tecnológico detém ainda mais o poder”.⁶⁵

Então e a partir disso, conhecer bem a sua realidade e a de sua clientela, potencializando suas forças, geradoras de oportunidades, respeitando e superando suas fraquezas visto que essas podem se transformar em ameaças, aperfeiçoando-se a si mesmo, sempre que necessário, de forma a alcançar os resultados almejados.

Murad entende gestão eficaz como uma habilidade ao liderar pessoas e coordenar processos, isso logo subentende que a “competência” o “gestor” já possui. Assim, os “Empecilhos à Gestão”⁶⁶ são muitos e podem comprometer o processo e o resultado esperados pelo gestor.

No tocante a alguns desses empecilhos, mencionados no texto de Murad, pode-se perceber que os responsáveis pela gestão de uma empresa precisam ter uma real visão estratégica; devem tomar cuidado com o amadorismo, típico de pessoas inexperientes e ou sem informação; ter noção da importância do cuidado com a centralização bem definida da imagem da empresa junto à sua comunidade, do seu patrimônio, dos funcionários, enfim, garantir sua sustentabilidade financeira e social.

Há que se lembrar ainda, que o gestor precisa ter consigo, bem claro, o tipo de gestão que irá desenvolver, pois a gestão permissiva ou rígida, ambas na tentativa de perpetuar o cargo, tendem a ser pouco eficientes e menos ainda eficazes, de forma a não atingirem os objetivos da empresa, afinal, um gestor democrático mostra às pessoas envolvidas no processo a importância de cada uma para o resultado e sucesso da mesma.

E mais, o gestor consciente não perde a postura de líder e Hunter⁶⁷ complementa reforçando a ideia de que um líder comprometido conhece seus

⁶⁵ TAJRA, Sanmya Feitosa. *Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade*. 3. ed. rev. atual. e ampl. – São Paulo: Érica, 2008.

⁶⁶ MURAD, 2008. p. 43 - 70.

⁶⁷ HUNTER, James C. *Como se tornar um líder servidor: os princípios de liderança de O Monge e o Executivo*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2006. 136 p.

parceiros liderados e consegue, dentro do possível, identificar e satisfazer suas 'necessidades', mas nem sempre dá ouvidos às 'vontades' deles, ou seja, proporciona às pessoas o que elas precisam e nem sempre o que elas querem. Entretanto, as pessoas são diferentes, isso leva a premissa de que suas necessidades também o são.

Como se está falando de conhecer os seus liderados, Hunter (2004) aproveita para enfatizar que as diferentes pessoas são melhores e mais sábias se estiverem atuando juntas. Assim, como forma de crescimento, diz que não se deve aproximar-se apenas de pessoas que se parecem com você - o líder, não faça julgamentos precipitados, simplesmente porque algumas pessoas tem ideias distintas das suas, pois se dez pessoas concordam plenamente com uma nova ideia dentro da empresa ou dizem terem tido o mesmo *insite*, 9 dessas pessoas são desnecessárias. Camara complementa ainda:

Ter ao lado alguém que só sabe dizer amém, que concorda com você sempre, de antemão e incondicionalmente, não é ter um companheiro, mas sim, uma sombra de si mesmo. Desde que a discordância não seja sistemática e proposital, mas fruto de uma visão diferente observada a partir de novos ângulos, importa, de fato, e enriquece.⁶⁸

Abre-se um parêntese aqui para ressaltar que alguns líderes/gestores necessitam ser mais flexíveis, atualizarem sua percepção da realidade e, às vezes, fazê-las diferente, lógico, sem perder seus princípios. Portanto, não pense que você é o detentor da verdade absoluta. Seus paradigmas podem estar no mínimo 'fora de foco'.

Cortella (2011) sobre isso, ainda argumenta dizendo: "há dois modos de se ver as coisas - o errado e o que eu estou lhe mostrando!"⁶⁹ Como já afirma os estudos da psicologia do desenvolvimento é difícil sair da 'zona de conforto' e é ainda mais difícil permanecer nela depois de se ter entendido o outro lado de alguma situação. Sua postura, em termos de palavra declarada ou agida, sem dúvidas causará grande influência sobre seus liderados.

Conforme escreve Murad (2008)⁷⁰ depois de o gestor evidenciar a importância de cada pessoa para o sucesso da empresa e dos processos, é fundamental enfatizar os resultados conquistados pelo todo. Qualquer prática de 'privilégio' deve

⁶⁸ CAMARA, Helder. *O deserto é fértil*. 8. ed. Rio de Janeiro / RJ: Civilização Brasileira, 1997. p. 28.

⁶⁹ CORTELLA, 2011, p. 31.

⁷⁰ MURAD, 2008, p. 71 – 92.

estar bem clara a todos desde antes do processo iniciar. Ser notado e sentir-se útil é fundamental para qualquer ser humano.

Outro fator que deve ser observado é para que em uma empresa cada qual realize o trabalho que lhe é devido, sem sobrecarregar a ninguém ou mesmo cobrar de alguém algo para o que esse não esteja pronto, apto a realizar.

Em casos assim, pode haver a revolta do funcionário em não querer fazer além de suas obrigações habituais e isso acontece com demasiada frequência em instituições públicas do primeiro e ou do terceiro setor – fato esse que pode ser observado sem a necessidade de pesquisas profundas, apenas com conversas informais já se encontra os exemplos.

Já em instituições particulares, os funcionários nessas mesmas condições costumam realizar a atividade sem maiores desconfortos junto ao gestor, uma vez que isso poderia lhes custar o emprego.

Murad (2008)⁷¹ faz ainda relação entre a gestão de instituições do 1º e 2º setor - privadas e governamentais - em contraposição ao terceiro - religiosas e ONGs (organizações não governamentais). Deixa subentendido que o terceiro setor por transparecer uma grande credibilidade junto à sociedade ganha vantagens em termos de auxílio para desenvolver suas ações.

Assim como nas instituições do 2º setor, as do 3º também requisitam determinados cuidados por parte do gestor quando o mesmo se propõe a liderar. Precisa-se levar em consideração a pesquisa de mercado, a segmentação, definição da clientela, posicionamento, diferentes formas de expor o produto para valorizá-lo, fazer a implementação da proposta, já implantada, e o controle de qualidade.

Alguns gestores até tem conhecimento de suas realidades, todavia, preferem oferecer um tipo padronizado de produto, enquanto que sua clientela raramente se constitui com interesses e necessidades padrão. Afinal, se as necessidades dos clientes não forem correspondidas, o concorrente o fará.

Os 'dogmas' presentes essencialmente em alguns líderes e ora nas instituições, algumas boas vezes as fazem perder o bom senso e agir de maneira ditadora. Ninguém obriga um outro alguém a se tornar um líder, talvez um chefe, mas não um líder, porém, uma vez que se aceita esse papel é imprescindível ter

⁷¹ MURAD, 2008, p. 93 – 120.

cuidado pois, como já fora colocado, o caráter do líder tem um impacto extremamente forte nas ações dos seus.

Portanto, Hunter (2006)⁷² deixa algumas premissas sobre o assunto, quando conjectura que se alguém quer liderar, antes precisa aprender a ser submisso e a ser liderado, tratando as pessoas da mesma forma como gostaria que elas lhe tratassem, aprendendo a controlar a ansiedade e a expectativa, respeitando o momento e a vez das outras pessoas, prestando atenção nelas e as ouvindo. “[...] tudo quanto fizerdes, por palavras ou por obras, fazei-o de todo o coração em nome do Senhor Jesus, dando graças ao Deus Pai, [...] como se fosse ao Senhor e não aos homens”.⁷³

Desta forma, Hunter exemplifica: não interrompa a fala das pessoas, isso dá a entender que você não prestou atenção ao que elas falavam que não era relevante ou que era tudo muito previsível. Ouça e olhe as pessoas que falam como se nada no mundo fosse mais importante que aquilo naquele momento. Ouvir é uma das maiores habilidades que um líder pode apresentar. Aprenda a não se atrasar: quando você se atrasa passa as seguintes mensagens - meu tempo é mais importante que o seu; você não é importante para mim, nem o que você vai dizer, senão eu teria sido pontual; ou, não sou muito responsável, não me preocupo com o tempo nem com vocês.

Diante dessas situações é importante ser cauteloso visto que nem sempre se consegue controlar o que se sente pelas pessoas, mas se pode perfeitamente controlar a forma como se age para com elas.

Murad trata do paralelo entre gestão e espiritualidade. Essa espiritualidade exterioriza a fé e a convicção das pessoas em algo ou alguém.

Gestores que apostam na valorização da espiritualidade de sua equipe e comunidade, dentro dos limites e sem maiores fanatismos, possibilitam que os mesmos desenvolvam seu trabalho com dedicação e sentindo-se protegidos e iluminados para realizar bem a sua função.

Assim, a espiritualidade também se torna uma aliada no desenvolvimento das atividades das pessoas, bem como, em seus resultados por auxiliá-las em sua autoestima e a controlarem seu ego.

⁷² HUNTER, 2006, P. 111 – 25.

⁷³ FILIPENSES. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.826, cap. 2 – vers. 14; COLOSSENSES. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.837-8, cap. 3 – vers. 17; 23. Adaptações minhas.

Desta forma, é melhor que se busque o equilíbrio e que o fato da espiritualidade estar entrando nas instituições – mesmo que não religiosas – possa se transformar em uma perspectiva bastante promissora para o desenvolvimento desses referidos trabalhos (mais humanizados e menos obrigatórios).

Cortella (2011) também trata do assunto: “[...] o líder espiritualizado, mais do que aquele que fica fazendo meditações, é aquele capaz de olhar o outro com outros olhos, de se colocar no lugar, de elevar em vez de rebaixar.”⁷⁴

Bem, saber: por onde começar? o que fazer? para quem fazer? quando? Onde? Como? etc. é um dos pontos cruciais do gestor. Ele precisa estar sempre um passo à frente. Ter seus valores definidos, suas políticas claras, permanecendo motivado e proporcionando motivação aos seus.

A sociedade necessita de profissionais melhor capacitados para lidar com o público e com as comunidades das próprias empresas e que possam tratar desses tendo as características ora mais profissionais ora mais humanas. Aprender a perdoar, superar é fundamental. Perdoar não é fingir que nada de ruim aconteceu nem fugir diante das situações difíceis que acontecem em seu meio, mas sim, transformar o foco do problema em uma situação de aprendizado.

Um líder influencia as pessoas a se responsabilizarem por suas atitudes, reconhecendo suas dificuldades sem, porém, permitir que as fragilidades se tornem ameaças concretas, sem ferir sua dignidade. Sabe elogiar e receber elogios.

O Poder ora da própria palavra ora da palavra liberada é um forte instrumento de trabalho a ser utilizado pelo gestor / líder. Por meio dela será possível mobilizar as redes de colaboração na gestão participativa coletiva, fazendo com que os envolvidos no processo, seja ele qual for, possam se sentir seguros quanto àquele a quem destinam confiança.

2.2 INTERFACES DA PRÁXIS DOCENTE NOS ATOS DE APRENDER A DIZER A PRÓPRIA PALAVRA

Piletti (2006)⁷⁵ declara que os detentores do conhecimento científico sempre foram os senhores de cada época, aqueles que possuíam “poder e vez de fala”

⁷⁴ CORTELLA, 2011, p. 13-6.

⁷⁵ PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. 5. ed. São Paulo/SP: Ática, 2006.

sobre as demais classes. Destarte, complementa Haidt⁷⁶, que o princípio da educação formal popular estava atrelada à necessidade de mão-de-obra qualificada, que obviamente, não podia ser executada pelos senhores e os seus grupos particulares.

Nesse viés, Foucambert⁷⁷ contribui exemplificando que com essa situação histórica, a classe alta e parte da média sempre tiveram por patrimônio o pensamento e o conhecimento intelectual e isto deixa explícito que o estudo, ou seja, conhecimento científico, traz aos seus, um enorme domínio social.

Pensando sobre essas vertentes de conhecimento científico x senso comum, que levam ao poder x submissão, nota-se que o domínio sobre a leitura e a escrita são deveras, divisores de águas no processo social de classes.

Soares⁷⁸ considera que

[...] enquanto a posse e o uso pleno da leitura e da escrita forem privilégio de determinadas classes e categorias sociais, elas serão como armas para o exercício do poder, para a legitimação da dominação econômica, social, cultural sendo, portanto, instrumento de discriminação e exclusão.

Uma vez que há tanta informação disponível atualmente, alguns podem pensar que essa citação de Soares é contradizente. Entretanto, deve-se observar por entre os fatos, nas entrelinhas para notar que por mais que se tenha acesso a diversas fontes de pesquisa, nem todos foram ensinados a trabalhar com elas, a aproveitar o seu melhor. Chartier⁷⁹ entende que “o importante não é só o que e o quanto se lê, mas, principalmente, como se lê,” como se relaciona essa leitura da palavra à leitura do mundo e como se pode utilizar os conhecimentos formados a partir dessas.

Essa forma de interpretar remete o pensamento, na verdade, à dominação de consciência. Freire⁸⁰ diz que o dominador, quando quer dominar, não dá o direito aos demais a poderem dizer sua própria palavra. Por vezes utilizam de artifícios sagazes para, de certa forma, proibir as maiorias de atuarem diretamente nos seus próprios interesses. Assim, esses ficam (in)conscientemente submissos. Ora

⁷⁶ HAIDT, Regina Célia Cazaux. *Curso de Didática Geral*. 7. ed. / 8 imp. – São Paulo/SP: Ática, 2006. p. 226 – 30.

⁷⁷ FOUCAMBERT, Jean. *A Criança, o Professor e a Leitura*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1997. p. 11.

⁷⁸ SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 58.

⁷⁹ CHARTIER, Anne Marie et al. *Ler e Escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1987. p. 04.

⁸⁰ FREIRE, 2003, p. 10; 65 - 66; 123; 127 - 128.

inconscientes por muitas vezes não perceberem as reais intenções dos opressores, por até mesmo acreditarem que estão agindo em prol de si por meio da fala de outrem, por terem convicção de que são protagonistas de sua história – e não submissos – ora conscientes por perceberem sua situação de submissão, mas, não terem sido encorajados a buscar força e lutar por si próprios por seu direito à palavra.

Dessa forma, ao longo das épocas, os pensamentos dos dominadores de classe permearam sempre pela ideia de que massas não podem aprender a pensar por si – nem ingenuamente, quanto mais claramente. Elas precisam continuar dependendo da astúcia de alguns poucos representantes. Essa postura leva a entender que “negar a intercomunicação às pessoas é na verdade não crer nelas, ou pior, temer a sua liberdade.”⁸¹

Assim, o século XXI - obviamente pelo tempo de evolução - possui características peculiares em relação ao anterior. Uma delas é que naquele, em se tratando de mercado de trabalho, a mão-de-obra qualificada era aquela que realizava de forma eficaz as suas atribuições profissionais, ou seja, era necessário saber desempenhar com excelência aquilo para que fora contratado e apenas aquilo.

Esse tipo de formação foi, inclusive, satirizada pelo filme “Tempos Modernos” - de Chaplin⁸², onde o mesmo apresenta trabalhadores de uma fábrica, forte e direcionadamente treinados para executar determinada função e absolutamente alienados do conhecimento e da possibilidade de desenvolver outras funções dentro da empresa.

Esse exemplo, que embora antigo fez-se atual por muito tempo, serviu para lembrar que mesmo com as transformações pelas quais as sociedades vieram passando, com a educação - na formação dos professores - o mesmo não acontecia.

As tendências pedagógicas sempre respaldaram essa formação ora Liberal (**tradicional** – bancária; **Escola Nova** – subjetiva e focada na relação professor e aluno; **Tecnista** – conteudista) ora Progressista (**libertadora**; e **crítico-social dos conteúdos** – ambas focadas na humanização dos conteúdos) ou ainda sob uma

⁸¹ FREIRE, 2003, p. 126.

⁸² TEMPOS MODERNOS. Título original: Modern Times. Roteiro, produção, musical e direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists and Charles Chaplin Productions. 1936. 87 min. Comédia. Preto e Branco. Sem classificação.

Proposta Construtivista (letramento - focada na leitura da letra e de mundo docente e discente).

Entretanto, até pouco tempo atrás, a ‘formação docente não acompanhava exatamente a visão das tendências pedagógicas’, visto que o conceito tradicionalista de educar permeou o fazer pedagógico de muitos profissionais da educação por anos.

Com isso, na grande parte das escolas, pouco se pode fazer em relação ao ‘saber’ e ao ‘mediar o aprender’ - uma tarefa docente e discente - a ‘dizer a própria palavra’. E essa situação, independente da época, atinge diretamente a essência do ato pedagógico, pois como afirma Freire (2003) “a pedagogia é aprender a ler e a escrever, mas, aprender a ler e escrever é testemunhar a sua história, é aprender a dizer a própria palavra.”⁸³

Sobre a afirmação de Freire, como ele mesmo destacou ainda quando discursava nos textos de sua obra “Pedagogia do Oprimido” sobre a ‘coisificação do ser humano’, que é sabido que atualmente se tem dado muito mais valor ao exterior e trivial que ao caráter e à funcionabilidade. Assim, enquanto o indivíduo não está ‘tecnicamente alfabetizado’ poucas oportunidades de direito à palavra lhe são diretamente concedidas, mesmo que, conforme a ‘Constituição da República Federativa do Brasil’ e a ‘Declaração de Princípios sobre a Liberdade de Expressão’, ‘dizer a sua palavra’ seja um direito constituído por lei, independente do nível de escolaridade de uma pessoa.

Art. 1º = A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito [...]. **Art. 5º** = Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade de direito [...]: **IV** = é livre a manifestação do pensamento [...]; **IX** = é livre a expressão da [...] comunicação, independentemente de censura ou licença. [...] **Art. 220º** = A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição: **§ 2º** = É vedada toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística.⁸⁴ [...] **PREÂMBULO** - A liberdade de expressão é essencial para o desenvolvimento do conhecimento e do entendimento entre os povos, que conduzirão a uma verdadeira compreensão e cooperação entre as nações. [...] Quando se impede o livre debate de idéias e opiniões, se limita a liberdade de expressão e o efetivo desenvolvimento do processo democrático; [...] **PRINCÍPIOS** - 1. A liberdade de expressão, em todas as suas formas e manifestações, é um direito fundamental e inalienável, inerente a todas as

⁸³ FREIRE, 2003, p. 10; 20.

⁸⁴ CONSTITUIÇÃO, 2012.

peças. É, além disso, um requisito indispensável para a própria existência das sociedades democráticas.⁸⁵

Portanto, dizer a própria palavra, direta ou indiretamente, pessoal ou coletivamente, é sim, um direito de qualquer cidadão, podendo ser requerido por qualquer pessoa a qualquer momento de sua história, amigável, pública e ou judicialmente.

Nesse cenário a educação é junto às demais instâncias básica, o viés capaz de transformar a opressão presente na repetição da palavra de outrem através da prática da liberdade do direito de vez e voz. Anísio Teixeira⁸⁶, em meados do século XX, já dizia que a educação sozinha não era capaz de resolver tudo, mas sem dúvidas, era a mola propulsora da humanidade.

Mas, devido a forma tradicional de escolarizar, a educação no Brasil, tanto a formação profissional quanto a ação pedagógica em sala e nas demais esferas do sistema, era considerada insuficiente e retrograda. Isso acabava por deixar suas instâncias políticas prejudicadas frente aos demais países melhor desenvolvidos, o que ainda acarretava uma crise de 'conveniências'.

Portanto, em uma tentativa de melhorar sua imagem junto aos outros países, o Brasil passou a copiar modelos estrangeiros de ensinar como, por exemplo, o modelo espanhol - para a educação básica - e mais recentemente o americano - para algumas instituições federais de educação básica e de educação superior.

Estudiosos brasileiros dentre os quais podem ser destacados: Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro e Paulo Freire que, inclusive é a base para as reflexões e produções do presente tópico, já haviam entendido a necessidade de uma nova forma de lidar com a educação no Brasil, não por estarem em busca de status entre as nações, mas, após observarem os cenários educacionais estarem preocupados em fazer algo em prol de reais melhorias para os seus envolvidos e vinham mencionando isso através de suas comunicações.

Freire (2002) acredita que,

Quem lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se, fala de suas leituras quase como se estivesse recitando-as de memória – nem percebe, quando não existe nenhuma relação entre o que leu e o que vem ocorrendo no seu país, na sua cidade, no seu bairro. Repete o lido com

⁸⁵ DHNET. *Declaração de Princípios sobre a Liberdade de Expressão*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/oea/dec_express.html>. Acesso em: 14 de fev. de 2012.

⁸⁶ ANÍSIO TEIXEIRA. Produzido pela TV ESCOLA. Brasília: MEC / Secretaria de Educação à Distância, 2008. 1 DVD Escola, Série Educadores - vol. V (59'45"). Widescreen, color.

precisão mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética mas pensa mecanicistamente. Não lê criticamente. Pensa errado. Faz parte da tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. E esta forma viciada de “ler” não tem nada que ver com o pensar certo e com o ensinar certo.⁸⁷

A maturidade de uma pessoa a impulsiona a ler e a estudar o que a interessa naquele momento de sua história. Segundo Chartier⁸⁸ as pessoas selecionam o que gostam ou o que querem ler e através dessas escolhas, cada um revela também aquilo que é capaz ou incapaz de compreender em um determinado tempo de sua vida, assim, cada um está limitado ao território da leitura que domina ou que está a ponto de dominar.

Entretanto, para compreender um contexto é necessário que essa pessoa disponha de conhecimentos que ao mesmo tempo digam respeito a seu conceito quanto ao seu modo de comunicar, visto que ninguém pode agir sobre as situações se elas forem totalmente estranhas à sua experiência ou aos seus conhecimentos.

Por isso, nunca ninguém será capaz de dominar todos os tipos de escritos, o que obviamente sugere que nem sempre é possível correlacionar abstrato com concreto.

É sabido ainda que, às vezes, essas mesmas pessoas, de que Freire falou, são forçadas por alguma situação a conhecerem e dominarem determinados assuntos que nem sempre são de seu interesse momentâneo. Essa pode ser uma das razões que leva um desses indivíduos, a não identificarem as reais necessidades de seu tempo e meio. O perigo nesse caso é que de certa forma, as pessoas fiquem alienadas a um mundo muito restrito. Enfim, em concordância com Fiori⁸⁹ “o que o ser humano fala e ou escreve e como fala e ou escreve, tudo é expressão do seu espírito”, pois a “leitura do mundo” precede sempre a “leitura da palavra”.

A citação de Freire dá margem, visivelmente, à interpretação de duas formas distintas de leitura – a da letra e a do mundo. Justamente por isso, ela se torna ainda mais fascinante, pois a partir da leitura da realidade - realidade esta da ‘letra’ peculiar do local e a do ‘mundo’ em questão - que os sistemas de ensino e seus

⁸⁷ FREIRE, 2002, p. 12.

⁸⁸ CHARTIER, 1987, p. 114.

⁸⁹ FIORI, Ernani Maria. Aprender a Dizer a Sua Palavra. In: FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. p. 12; 31.

envolvidos vêm fazendo é que se pode perceber que o Brasil ainda está em busca de sua forma própria de escolarizar.

Para determinados lugares, os modelos de ensinar - e pensar certo ou errado - advindos de outras culturas, como fora visto anteriormente, tem se afirmado no sistema educacional brasileiro. Todavia, para que essa nova realidade se encaixe nos moldes da realidade brasileira e seja progressivamente promissora é de suma importância que professores assumam, com cada vez mais seriedade e competência, uma postura flexível sobre o seu, próprio, aprender, o seu ensinar e o seu mediar o aprender de outrem. Pois Freire (2002) defende que,

Não posso ensinar o que não sei. Não há docência sem discência. Não há ensino sem pesquisa (nem pesquisa que nada ensine). Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha. Enquanto ensino, continuo buscando, pois ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua construção. [...] e o professor que para de estudar e crescer hoje, para de ensinar e influenciar amanhã.⁹⁰

Destarte, só se pode exigir essa postura dos profissionais da educação uma vez que eles estejam habilitados e aptos para tanto, ou seja, que tenham sido e ou estejam sendo formados para isso.

Portanto, de volta à temática da formação profissional e todo o seu contexto, Freire (2003) destaca que “[...] a concepção bancária - tradicionalista de educação sempre foi - e para alguns continua sendo - um instrumento de opressão.”⁹¹

Analisando na íntegra a obra de Freire “Pedagogia do Oprimido, de 1987” e correlacionando-a com as tendências pedagógicas, veiculadas principalmente pela literatura da área da Educação, percebe-se que essa postura bancária de educação não dizia respeito apenas ao ato de ensinar do docente e aprender do discente, dizia respeito, principalmente, à maneira como os profissionais estavam sendo formados.

Por essa razão foi-se percebendo com o tempo a necessidade de uma nova postura formadora e atuante. Freire, parafraseado por Fiori, também apresenta sua visão pedagógica sobre a atualidade de até o fim da década de 1990, onde “diante de uma sociedade cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciência, [...]

⁹⁰ FREIRE, 2002, p. 14; 37; HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Belo Horizonte: Betânia, 1991. p. 12.

⁹¹ FREIRE, 2003, p. 57.

busca-se a prática da liberdade [...]: uma pedagogia não para ela, mas dela.”⁹² Então de alguns anos para cá, prioriza-se na formação docente:

1. O pensar,

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores, que iluminados intelectuais escrevem, do centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo (e preciso reinsistir que tanto a matriz do pensar ingênuo como a do crítico é a *curiosidade*) tem que ser produzido pelo próprio aprendiz de educador em comunhão com o professor formador.⁹³

Certamente a curiosidade deve estar atrelada ao atual modelo de formação docente. A curiosidade gera a inquietude de buscar sempre por respostas inovadoras e que correspondam exatamente às necessidades diversificadas que cada tipo de discente requer. Essa dinâmica torna o fazer pedagógico (mais trabalhoso, porém), significativo e personalizado.

2. O sentir, uma vez que

Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. O que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica deste ou daquele gesto, mas, a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada. Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheia, além do exercício da criticidade, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição.⁹⁴

Hendricks⁹⁵ concorda com Freire e complementa quando diz que para ter um ensino eficiente o educador tem que ter a vida transformada. Se um educador quer promover transformação em outros precisa antes experimentá-la. Há alguns, porém, que com a desculpa de que “estão velhos” se fecham em seus mundos e nem são transformados nem transformam. A postura do professor é uma grande incentivadora da postura do aluno e esse reconhece que ele tem algo a oferecer-lhe.

Não há porque negar que desde que Freire começou a publicar suas obras pedagógicas, demonstrando em suas laudas seu amor pela educação e pelo ‘ser docente e discente’, começou-se a valorizar e a divulgar, com maior intensidade, o ‘humanitarismo’ na prática docente. Freire passou a privilegiar as pequenas coisas,

⁹² FIORI. *In* Freire, 2003, p. 09.

⁹³ FREIRE, 2002, p. 18; 20.

⁹⁴ FREIRE, 2002, p. 21.

⁹⁵ HENDRICKS, 1991, p. 22-23.

como os gestos suaves na relação entre docente, discente, familiares, sistema, ao mesmo tempo em que apresentava sua indignação e força vocabular para tentar incitar determinadas posturas mediante algumas situações pedagógicas, como a permanência do autoritarismo no cenário pedagógico, por exemplo.

Goleman ao apresentar sua pesquisa sobre a ‘inteligência emocional’⁹⁶ responde cientificamente as críticas ofensivas quanto ao ‘trato humanitário’ atualmente demonstrado nos ambientes escolares, uma vez que há constatações dos relevantes resultados consequentes dessa prática, nos processos de ensino-aprendizagem, sendo eles significativos e permanentes em longo prazo. E

3. O agir, pois,

Na formação permanente dos professores, um momento fundamental é o da reflexão crítica sobre sua prática. [...] Por isso, o melhor discurso é o exercício da prática. A coerência entre o que digo, o que escrevo e o que faço. [...] Não posso apenas falar bonito sobre minhas teorias. O meu discurso deve ser meu exemplo concreto.⁹⁷

Tão importante quanto saber teoricamente e falar aos demais, exceto com um tom moralista ou de imposição, é agir em conformidade com aquilo que se “defende”. Uma das mais fortes características do modelo de formação de profissionais a que Freire se refere é aquele que não impõe, mas convence o aprendente a fazer o que se supõe como ideal através do próprio exemplo. Demonstrando que é possível ter, ao mesmo tempo, uma postura racional, emocional e atitudinal sem que o “brio pessoal ou profissional” seja afetado.

A responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande. A sua prática formadora, sua presença na sala é de tal maneira exemplar que nenhum professor ou professora escapa ao juízo que dele ou dela fazem os alunos. E o pior dos juízos é o que se expressa na “falta de juízo”, dos que consideram o professor um *ausente* na sala. [...] O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca. Portanto, minha presença de professor não pode passar despercebida. A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como o aluno entende como atuo. Evidentemente, não posso perguntar aos alunos o que acham de mim ou como me avaliam. Mas devo estar atento à leitura que fazem de minha atividade com eles. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos

⁹⁶ Estudo este que trata, não apenas, mas principalmente, sobre o fator emocional como grande definidor de sucesso ou fracasso nos processos de ensino – aprendizagem. Esta linha de pesquisa está atrelada à das inteligências múltiplas de Howard Gardner.

⁹⁷ FREIRE, 2002, p. 37.

cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um *texto* para ser constantemente “lido”, “interpretado”, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido há tanto mais possibilidades de aprendizagem. Daí a importância do exemplo.⁹⁸

Os textos das citações acima fazem menção a diversos tipos de ‘julgamentos que os profissionais da educação sofrem’. Como esses julgamentos podem interferir na relação interpessoal dos envolvidos e conseqüentemente no resultado do processo de ensino-aprendizagem, faz-se necessário primar por certos exemplos, características de conduta, e, os profissionais da educação são responsáveis por disseminá-los. Todavia, não se pode esquecer que primordialmente a qualquer atitude deve estar de maneira preponderante: a ética.

Não é possível pensar os seres humanos, sequer, longe da ética, quanto mais fora dela. É preciso deixar claro que a transgressão da eticidade jamais pode ser vista ou entendida como virtude, mas como ruptura com a decência. O que quero dizer é o seguinte: que alguém se torne machista, racista, classista, sei lá o quê, que se assuma como transgressor da natureza humana. Não me venha com justificativas genéticas, sociológicas ou históricas ou filosóficas para explicar a superioridade da branquitude sobre a negritude, dos homens sobre as mulheres, dos patrões sobre os empregados. Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever, por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar.⁹⁹

Nessa nova postura formadora e atuante, diferente dos tempos remotos – apresentados por Chaplin em seu filme – o profissional não é formado apenas para exercer uma única função. Muito menos uma função tradicional e restrita. Privilegia-se aquele profissional que possui conhecimento holístico, que sabe um pouco de cada coisa, que é capaz de discursar e se possível atuar em diversas modalidades afins em sua área de formação.

Em contrapartida é requisitado também aquele profissional que mesmo conhecendo vários assuntos, ainda que limitados, se dedica à pesquisa de um em especial e se torna um real especialista nesse.

As principais características desses novos profissionais é que eles têm em sua essência o desejo por buscar e aprender constantemente, na expectativa de realizarem um bom trabalho. Com isso, acredita-se que os processos de ensino e aprendizagem alavancarão com esses professores que diversificam sua didática na perspectiva de que elas estejam voltadas tanto para ensinar quanto para o aprender,

⁹⁸ FREIRE, 2002, p. 27; 38.

⁹⁹ FREIRE, 2002, p. 16; 25.

ao mesmo tempo que criam e sustentam uma relação sólida e confiável entre eles próprios - professores, o aluno – individual e coletivamente, sua família e a comunidade, no que se pode chamar de práxis participativa.

Dessa forma observou-se que as características da nova formação profissional docente consideram que:

Ensinar é uma especificidade humana que exige: rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, curiosidade com criticidade, estética e ética, corporeificação das palavras pelo exemplo, risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do próprio inacabamento, o reconhecimento de ser condicionado, respeito à autonomia do ser do educando, bom senso, humildade, tolerância, luta em defesa dos direitos dos educadores, apreensão da realidade, alegria e esperança, a convicção de que a mudança é possível, competência profissional e generosidade, comprometimento, compreensão de que a educação é uma forma de intervenção no mundo, liberdade e autoridade, decisões, saber escutar, reconhecer que a educação é ideológica, disponibilidade para o diálogo e querer bem aos educandos.¹⁰⁰

Assim, cria-se uma perspectiva de formação multiprofissional em uma atuação multireferencial.

Se nos novos moldes pelos quais a educação vem trilhando seu caminho, se espera um profissional com uma formação múltipla e uma práxis que contemple essa multiplicidade, subentende-se que não há nesse cenário espaço para a imposição de opiniões. Entretanto há sempre ‘um e outro’ que resistem às inovações, às transformações propostas. São “aqueles que a sua palavra passa a ser a ‘verdadeira’ e a impõe aos demais, aos roubados de sua palavra e quanto mais dizem a sua palavra sem a intromissão da palavra dos outros, mais exercitam seu poder e o seu gosto por dominar.”¹⁰¹

Todavia, esquecem-se que “ao impor a sua palavra, tornam-na uma palavra falsa, de caráter dominador”¹⁰² que em muito pouco ou mesmo nada será capaz de contribuir para com a formação de seus alunos, pois, conforme mencionado por Freire, “quando entro em uma sala de aula devo estar aberto às indagações, às curiosidades dos alunos, [...] o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso ao aluno, às vezes necessário, em uma fala com ele.”¹⁰³

¹⁰⁰ FREIRE, 2002. p. 06.

¹⁰¹ FREIRE, 2003, p. 131.

¹⁰² FREIRE, 2003, p. 121.

¹⁰³ FREIRE, 2002, p. 21; 43.

É justamente esse um dos grandes diferenciais na relação do ensinar (informar) e do aprender (assimilar) atual. Deixar que ambos, professor e aluno estabeleçam uma comunicação, onde o que está em pauta não é quem sabe mais, mas sim, o quanto se é possível agregar, construir juntos.

Porém, aqueles ‘um e outro’ que resistem a acompanhar as transformações podem estar aderindo a essa postura por simples comodismo ou por fatores ainda mais preocupantes, como: o sentimento de impossibilidade, de incapacidade frente ‘ao novo’ ou mesmo o sentimento de superioridade que faz com que pensem não ter nada mais a aprender. Ambos os fatores os levam à deficiência quando não à anulação da sua constante formação.

Freire acredita (como fora mencionado) que,

Somente na comunicação – diálogo – tem sentido a vida humana. Porém, não há diálogo se não há humildade [...] Como posso dialogar se me sinto superior aos outros? Como posso dialogar se me fecho à contribuição dos outros, se jamais a reconheço e até mesmo me sinto ofendido com ela? ou [...] Como posso dialogar se me sinto inferior aos demais?¹⁰⁴

Hendricks e Freire têm formas de pensar a educação - ainda que por âmbitos distintos - muito parecidas e isso fica explícito se estudados seus textos de épocas e culturas peculiares. O de Freire, visto acima se entrelaça aos de Hendricks quando explana que “[...] a razão de sermos professores é exatamente a de amarmos nos comunicar.”¹⁰⁵

O termo comunicação vem do latim – *communis* – e significa “em comum” e para que se possa comunicar algo a alguém é preciso estabelecer pontos em comum com esse alguém “[...] assim, para ser um professor eficiente, não basta dominar o conteúdo a ser ministrado [...] embora isso seja fundamental, visto que pouco domínio gera ensino deficiente [...] precisamos também conhecer aqueles a quem ensinamos.”¹⁰⁶

Quanto maior for o conhecimento e a relação com os alunos, maior será também a probabilidade de sucesso na comunicação e conseqüentemente na aprendizagem. “[...] pois, nosso interesse principal não deve ser apenas passar-lhes

¹⁰⁴ FREIRE, 2003, p. 64; 80; 81.

¹⁰⁵ HENDRICKS, 1991, p. 74.

¹⁰⁶ HENDRICKS, 1991, p. 39.

conteúdos, mas, influenciá-los. Assim, a maneira como os alunos aprendem deve determinar a forma como iremos ensinar.”¹⁰⁷

Uma das etapas finais, e muito importante, desse processo de comunicação é procurar saber o que os alunos aprenderam como estão se sentindo e o que estão fazendo ou pretender fazer sobre isso.

Contudo, “[...] nossa tarefa como comunicadores não é tentar deixar os outros deslumbrados conosco, devemos na verdade causar um impacto! Não se trata de apenas convencê-los, mas sim, os auxiliarmos em sua transformação.”¹⁰⁸

É notório que na construção dos processos de formação, de ensino, de aprendizagem, a parceria entre educador e educando, e muitas vezes da própria comunidade, é fundamental. Se um desses não estiver humildemente aberto a compartilhar, em um sistema de cooperação mútua de ofertar, de receber e de como resultado alterar, não há porque manter um dito ‘ambiente pedagógico’. Assim, ao assumir “a consciência do meu inacabamento, sei que posso ir mais além dele.”¹⁰⁹ Este é o ponto de partida e de (re)partida constante. A linha tênue que separa a alienação da curiosidade, da busca e do encontro com o conhecimento. Por essa razão,

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, [...]. Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser, de porque estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar, de promover-me. [...] Significa reconhecer que somos seres *condicionados* mas não *determinados*. [...] Nada disso acontece sem que eu esteja disposto a mudar. [...] Ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia. Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser é um processo. Não ocorre em data marcada. [...] Não posso aprender a ser eu mesmo se não decido nunca, É preferível, reforçar o direito que tenho à liberdade de decidir, mesmo correndo o risco de não acertar, a seguir a decisão dos outros ou deixar que a sabedoria e ou a sensatez de outros decidam por mim. Pois É decidindo que se aprende a decidir. E quem pensa certo é quem às vezes, pensa errado. Aquele a que o conhecimento novo supera outro que antes foi novo e se fez velho e se “dispõe” a ser ultrapassado por outro amanhã. [...] É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências de decisão com responsabilidade, de liberdade.¹¹⁰

¹⁰⁷ HENDRICKS, 1991, p. 14.

¹⁰⁸ HENDRICKS, 1991, p. 57.

¹⁰⁹ FREIRE, 2002, p. 23.

¹¹⁰ FREIRE, 2002, p. 18; 42; 20; 14; 41.

Esse é parte do perfil que se espera da pessoa – educador: a consciência e o conhecimento de si. Muitas vezes as pessoas se isolam em sua zona de conforto e tendem a erroneamente acreditar que são detentores de um saber que não pertence completamente a ninguém, nunca! E uma vez que não conseguem ver as situações com clareza, visto que se encontram bitoladas “dentro do seu mundo do saber”, tornam-se incapazes, se quiserem, apenas temporariamente, de aprender algo novo ou compartilhar o conhecimento já adquirido e passível de contestação.

Freire acredita que o ser humano jamais fica absolutamente pronto, mas que sua busca por conhecimento o torna mais frágil e sabedor de que não pode estagnar, especialmente enquanto educador / formador de opinião. O autor é categórico quando se lamenta por aqueles que desistiram de tentar reverter determinadas situações e que aquele que não tenta “transformar”, seja que situação for, certamente está abrindo mão de seu direito a contribuir positivamente – no sentido mais amplo e cultural da palavra – com a história de sua própria vida e quanto mais conseqüentemente com a de alguns outros.

Sobre isso Hendricks exemplifica:

[...] a primeira vez que o sr. Walt se aproximou de mim eu estava jogando bolinhas de gude na calçada. Então ele disse: - Garoto, quer ir à uma escola dominical? Não me interessei nem um pouco, pois se tinha nome de escola não podia ser coisa boa! E ele continuou: - posso jogar com você? [...] Mesmo ele tendo ganhado todas as partidas, passamos ótimo momentos juntos. [...] Confesso que não me lembro de todas as coisas que disse, mas, àquela altura, seria capaz de segui-lo para aonde quer que me levasse!¹¹¹

Tendo compreendido a relevância do ‘assumir-se como ser social e histórico: pensante, comunicante, transformador’, etc., resta ainda colocar em prática a própria palavra. E dessa forma, o poder da palavra autônoma, se torna muito valioso.

Quem apenas observa, o faz de um certo ponto de vista que não situa o erro do observador. O erro na verdade não é ter um certo ponto de vista, mas absolutizá-lo. [...] Pois, a educação que se apresenta aos que verdadeiramente se comprometem com a pedagogia problematizadora da libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres vazios, a quem o mundo deve encher de conteúdos, mas sim, como homens de corpos conscientes e intencionados. [...] Portanto, pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária, a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios – mas

¹¹¹ HENDRICKS, 1991, p. 11.

também, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes (em relação com o ensino dos conteúdos).¹¹²

O primeiro passo para a autonomia e então para a liberação da palavra autônoma vem do reconhecimento de que a pessoa em si não é detentora da verdade absoluta e que para construir sua própria opinião precisa ouvir outras opiniões, expressas de forma direta ou indireta, grafada ou verbalmente. Então, resta esperar por quanto tempo ela ficará intacta em suas convicções, sem sofrer uma nova interferência que alterará o curso de seu pensamento e conseqüentemente de sua ação. Esse processo se torna possível a partir da,

[...] percepção do homem e da mulher como seres “programados para conhecer, para aprender, para intervir”, portanto, para ensinar, entendendo que a prática educativa é um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos. [...] para isso, reinsisto que formar é muito mais do que puramente treinar.¹¹³

A real atribuição do professor em relação a essa palavra autônoma, segundo Hendricks é criar condições para que o aluno aprenda por si, pois ensinar não é passar informações, mas sim, incentivar os alunos a buscá-las: “Faça, construa pelo aprendiz e ele esquecerá; convide-o a participar e ele se lembrará; oriente-o e o deixe construir, errando e acertando, e ele aprenderá.”¹¹⁴

A construção da palavra autônoma é entendida assim, como não podendo ser imposta, de forma pronta e acabada. Pois um educador não pode se adaptar ou se “converter” ao saber comum dos grupos populares, mas também, não tem o direito de impor-lhes arrogantemente o seu saber como o único que realmente está certo. O segredo para o sucesso desse impasse está no diálogo, visto que por ele se “vai desafiando os grupos populares a pensar sua história social, revelando a necessidade de superar certos saberes que, quando desnudados, vão mostrando sua “incompetência” para explicar os fatos.”¹¹⁵

Fiori destaca que

Freire não ensina a repetir palavras, não se restringe a desenvolver a capacidade de pensá-las segundo a lógica, mas coloca o ser em condições

¹¹² FREIRE, 2002, p. 15; 19; FREIRE, 2003, p. 67.

¹¹³ FREIRE, 2002, p. 54; 15.

¹¹⁴ PENSADOR.INFO. *Frases de Confúcio*. Disponível em:

<<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de março de 2012. Parêntese meu.

¹¹⁵ FREIRE, 2002, p. 32.

de re-existenciar criticamente as palavras do seu mundo para, na oportunidade devida, saber e poder dizer a sua palavra.¹¹⁶

Estas colocações vão além do que trivial, elas dizem respeito à uma postura de ensinar, postura de aprender e viver. Pois a palavra no decorrer de seu uso torna-se passível de ser recriada, oral e graficamente. Freire insiste que o poder criador das palavras vem através da cultura letrada, uma vez que são essas as geradoras de um novo mundo visualizado pela palavra escrita, entretanto, esclarece que a questão está em escrever e dizê-la com “bravura”, com a força reflexiva que sua autonomia lhe dá e não conservar e ou repetir a palavra já dita.

Em suma, entende-se a palavra, nesse viés, enquanto “palavra-ação”. Ela sai da postura de pensamento, torna-se viva e dinâmica e assim é capaz de transformar o meio em que se encontra. “Dizer a sua palavra equivale a assumir conscientemente, como sujeito da sua história em colaboração com o povo, a quem por sua vez, cabe dizer a palavra de comando no processo histórico cultural.”¹¹⁷

Quando se fala em direito de dizer – pessoalmente – a própria palavra, pode-se referir também, conforme citação acima, aos “movimentos sociais”. Nada impede e nem se está abrindo mão de sua própria palavra, quando se está em grupo lutando por ideais comuns, como manifestações, greves, reuniões, entre outras. De certa forma, nesse viés, você está, sem dúvidas, manifestando sua palavra de direito.

Por hora, conclui-se que na história da humanidade sempre houve e provavelmente continuará havendo, com força sobremodo, os dominadores que monopolizam a palavra por meio da qual o povo é mistificado, massificado e dominado. Todavia, em situações como essas, não basta apenas pensar, é preciso agir.

Os que se sentem e se vêem conscientemente como oprimidos somente superarão esta contradição de vida quando se recusarem à opressão e se comprometerem com a sua transformação (especialmente na práxis educativa) e ao mesmo tempo transformarem a realidade opressora em processo permanente de libertação, por meio da reflexão.

Os dominados têm que tomarem para si novamente o uso da palavra. “Aprender a tomá-la dos que a detém e a recusam aos demais, esse é um difícil,

¹¹⁶ FIORI. *In* Freire, 2003, p. 13.

¹¹⁷ FREIRE, 2003, p. 21.

mas imprescindível aprendizado é a superação da pedagogia do oprimido em pedagogia humanista, problematizadora e libertadora.”¹¹⁸

Contudo, como afirma Foucambert¹¹⁹, não se pode ser ingênuo a ponto de acreditar que somente a educação mudará os rumos da história, mas, pode-se sim, acreditar que com sua força cria-se coragem para ir comprometidamente adiante. “No desejo de liberdade, os oprimidos travam uma luta interna entre expulsar o opressor de dentro de si ou não, entre dizer a própria palavra ou permanecerem sem voz.”¹²⁰

¹¹⁸ FREIRE, 2003, p. 21; 41.

¹¹⁹ FOUCAMBERT, Jean. *A Criança, o Professor e a Leitura*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1997. p. 21.

¹²⁰ FREIRE, 2003, p. 35.

3 A ABORDAGEM DA FÉ EM FOWLER E NAS ESCRITURAS “SAGRADAS”

A fé constitui-se como uma área muito importante para a vida de uma pessoa. Em prol e ou por meio dela, o ser humano é capaz de acreditar no impossível e no invisível, pois “a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que não se veem”¹²¹, transpondo barreiras físicas (externas) e ou psicológicas (intrínsecas) - no sentido mais amplo das palavras, tornando-se assim, sobretudo resiliente. Isto posto, nota-se que a fé é, então, um elemento de *poder*.

Se a fé pode ser entendida como um elemento de poder, resta saber que tipo de poder é esse. Nesse ponto enfatiza-se o assunto abordado pelo presente: o poder da palavra. Todavia, antes de estabelecer algumas considerações sobre o mencionado poder é relevante conhecer, ainda que sucintamente, a obra de Fowler (1992).

3.1 A FÉ E O DIREITO PESSOAL DE DIZER A PALAVRA AUTÔNOMA

Ao iniciar a leitura do texto – já pelo título – fui tomada por uma certa insegurança sem saber sobre o que o autor iria falar exatamente. Sempre que alguém – direta ou indiretamente – tenta adentrar em uma área tão pessoal como a fé de uma pessoa, sem dúvidas a primeira sensação é a de “vão tentar mexer com minhas certezas”. E como imaginado, foi exatamente isso que aconteceu. Cada nova colocação do autor me custava 20, 30 minutos de reflexão. Não há dúvidas de que não foi uma leitura fácil. Cada nova página trazia um revelador e desafiante comentário sobre a fé. Acredito que fui crescendo com o texto. Me deixando envolver por suas informações e proposições e a partir disso fui desconstruindo, mantendo e reconstruindo certos conceitos pessoais ao longo da referida. Finalizo, por enquanto, utilizando-me da citação de trechos das p.39 e 33, respectivamente: *“Diferentemente de alguns outros assuntos sobre os quais podemos pesquisar e refletir, não temos facilidade em externalizar a fé ou fazer dela um objeto, à parte de nós, para nossa investigação”, pois “[...] sabemos e sentimos inconscientemente mais do que somos capazes de expressar.”* Assim, é extremamente difícil tentar falar de fé sem externar algum tipo de sentimento ou convicção já estabelecida, por mais que se esteja abrindo o leque ao exame – conforme fora proposto na introdução da obra. Temos muito mais fé – seja ela qual for – do que podemos simplesmente imaginar ou tentar explicar. O que posso afirmar é que, de algum modo, a compreensão da leitura – confirmada pelos textos Bíblicos – me fez (re)sentir, (re)pensar e (re)agir em relação à mim, aos outros e, principalmente, no tocante aos dogmas que adinham da minha ‘religiosidade’ causando-me temor (nos dois sentidos extremos da palavra). Certamente não sou mais a mesma (Relato oral).¹²²

¹²¹ HEBREUS. In: BÍBLIA, 2002. p. 1.915 – cap. 11, vers.1.

¹²² Relato Oral de uma mulher evangélica de 29 anos, professora no norte do país, após a leitura da obra de: FOWLER, James. *Estágios da Fé. A Psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido*.

Conforme seus textos, Fowler (1992) deixa subentender que, a priori, a fé é vista pelas pessoas como algo prioritariamente ligado à religiosidade e à justificativa e defesa do sobrenatural em que acreditam:

[...] Para a maioria de nós, na maior parte do tempo, a fé funciona de modo a encobrir o mistério que nos rodeia. [...] em determinadas situações recorreremos à fé para nos dar coragem [...]. A fé nos ajuda a formar um espaço de vida confiável [...], [...] nos sustenta quando nosso espaço de vida corre o risco de ser ferido e entrar em colapso [...].¹²³

A afirmação feita por Fowler (1992) pode ser evidenciada pelo texto do Salmos 139:

Senhor, tu me sondaste e me conheces. Tu sabes o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento. Cercas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Não havendo ainda palavra alguma na minha língua, eis que logo, ó Senhor, tudo conheces. Tu me cercaste por detrás e por diante e puseste sobre mim a tua mão. [...] Os teus olhos viram o meu corpo ainda informe. Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui feito, os quais em continuação foram formados, quando nem ainda um deles havia, cobriste-me no ventre de minha mãe. [...] Tal ciência é para mim maravilhosíssima, tão complexa que não a posso explicar.¹²⁴

Quando se está inserido num contexto religioso e se segue com primazia as normas por ele estabelecidas é demasiadamente difícil repensar um posicionamento em relação à fé, tanto pelo âmbito do 'comodismo' quanto, principalmente, pelo âmbito do acordo regimental com a referida 'organização religiosa'.

Algumas religiões se encarregam de direcionar uma determinada visão de fé aos seus membros, engessando-os a sequer observarem uma outra forma de sua expressão, quanto mais aceitá-la e ou ainda, segui-la. Pode ser que isso aconteça em virtude do medo que os líderes tenham de perder seus fiéis. E para garantir que suas convicções não serão abaladas, convencem seus membros a se questionarem: "Por que eu deveria me arriscar a ficar numa possível confusão ao abrir-me ao exame da fé [...]?"¹²⁵

Sem abrir espaço para julgamentos moralistas ou tendenciosos, mas analisando conforme fora mencionado, algumas culturas / tradições religiosas

São Leopoldo / RS: Sinodal, 1992. Comentado com a Acadêmica do presente, em janeiro de 2011, durante uma conversa informal sobre "a obra de Fowler e a fé pessoal e religiosa", no campus da EST. O relato oral foi autorizado e transcrito pela Acadêmica.

¹²³ FOWLER, 1992, p. 9.

¹²⁴ SALMOS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 914; 918, cap. 139 – vers. 1–6; 13-16.

¹²⁵ FOWLER, 1992, p. 10.

passam a informação de que são as únicas detentoras da ‘verdadeira fé’, assim, seus membros são levados a crerem que apenas ‘a fé deles pode tocar o transcendente e ser alvo de sua graça beneficiadora’, ou seja, todas as demais são ‘inválidas’. Pensando dessa forma, fica nítido que a postura desses seria (inevitavelmente) a de indagar: “por que eu deveria levar a sério as experiências de fé de pessoas que tem religiões diferentes da minha? [...] Por que eu deveria considerar os padrões de fé de pessoas que nem mesmo dizem ser religiosas?”¹²⁶

É justo e autêntico que cada uma das tradições religiosas tente provar que é a detentora da verdade absoluta sobre a fé que professa, fato que fora comentado na introdução do tópico: “as tradições religiosas mundiais duradouras provam, vez por vez, que são as guardiãs vivas de imagens verdadeiras do ambiente último”¹²⁷. O maior problema em relação a isso, talvez seja, o fato de que para se auto-sustentar, algumas delas ajam de maneira ilícita para com as outras, bem como, para com seus membros – em se tratando do poder da palavra.

Intentando compreender, vale ressaltar, que em grande parte das referidas, os líderes religiosos não possuem ‘formação específica para ministrar’ na área de credo que lideram. Isso quer dizer que eles têm como verdade aquilo que lhes foi leigamente ensinado, assim, é fato que não podem contestar sobre aquilo para o que não foram preparados.

A partir desse ponto Fowler (1992), embasado por Smith e outros autores que tratam sobre o assunto da fé, começa a dar uma nova vertente ao termo, vertente essa, que media uma grande reflexão. Fica claro que a fé passa a ser entendida como individual. “[...] a fé é tão infinitamente diversificada que, a de cada pessoa, é única. [...] é inata.”¹²⁸ Isso já evidencia o direito de dizer a própria palavra nos cenários religiosos.

Fowler (1992) afirma por diversas vezes ao longo do texto que a fé é construída desde o nascimento e o tipo de ambiente em que se vive influenciará na forma de compreender e expressar o transcendente até o momento em que se possa fazer isso por escolha própria. Assim fica visível que a fé é também, altamente social e que esta fé e este fator, fortalecem as pessoas, através dos testemunhos de cada uma, ao longo de suas vidas. Alguns em determinados momentos chegam a

¹²⁶ FOWLER, 1992, p. 10.

¹²⁷ FOWLER, 1992, p. 36.

¹²⁸ FOWLER, 1992, p. 10.

ser impactados e tem suas vidas restauradas (se algo não estava no devido modelo em que se pretendia pela própria pessoa) pela forma como o outro demonstra sua fé. Diante disso, não só se evidencia o direito, mas sim, o dever de dizer a própria palavra.

[...] O desenvolvimento da fé depende grandemente de como é o ambiente em que crescemos. [...] A fé é interativa, social [...] A vivacidade e o crescimento contínuo na fé requerem auto-exame e disposição para o encontro com as perspectivas de fé de outras pessoas. Qualquer um de nós pode ser iluminado ao tentarmos nos relacionar com o sagrado pela integridade nas atitudes de fé de outras pessoas, quer sejam religiosas ou não. [...] pois esta depende não só de nós ou de outras pessoas, mas também de iniciativas da graça do Espírito. [...] a maneira pela qual as iniciativas do espírito são reconhecidas e expressas em imagens ou não e são percebidas e ou ignoradas por nós, afetam poderosamente a configuração da fé em nossas vidas. [...].¹²⁹

Existem pessoas e estilos de vida culturalmente diferentes, o que se pode chamar de padrão ou teoria de vida. Em se tratando da fé especificamente, há que se observar que para alguns ela ajuda a dar sentido às suas vidas. Essas pessoas depositam na sua teoria de vida seus desejos de fé: “As teorias (padrões) de vida podem ser estimulantes e poderosas. Podem entender e expressar, nomear as experiências que vivemos [...]”.¹³⁰ Todavia, há também aqueles que não conseguem aceitar que suas vidas sofrem alterações ao longo do tempo, devido à maturidade adquirida, as pessoas com quem convivem, as novas necessidades vitais, entre outros.

Assim, caso a fé se manifeste de forma diferente ou simplesmente em uma situação inexplicável, alguns tendem a não aceitá-la e julgá-la como falsa, o que é perigoso em termos pessoais e sociais pois: “[...] podem, ainda, limitar a nossa capacidade *cognitiva e psicológica*, de forma que só consigamos enxergar aquilo que podemos nomear ou explicar [...]”.¹³¹ Para os cristãos, as Escrituras Sagradas afirmam que para quem tem fé existe a manifestação do Espírito através da “*multiforme* graça de Deus”.¹³² E em relação à esta, “[...] podemos até certo ponto compreendê-la e explicá-la eficazmente [...], [...] mas, seus processos complexos nunca serão contidos exhaustivamente em nossos arcabouços teóricos.”¹³³ Assim,

¹²⁹ FOWLER, 1992, p. 10-1.

¹³⁰ FOWLER, 1992, p. 11.

¹³¹ FOWLER, 1992, p. 11. Adaptação e grifo meu.

¹³² I PEDRO. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.943, cap. 4 – vers. 10.

¹³³ FOWLER, 1992, p. 11.

mais uma vez demonstra-se, pela citação Bíblica, que a fé pode ser expressa e vivenciada de formas variadas dependendo da pessoa, o que lhe permite ter diferentes poderes da palavra, dependendo da situação e tempo pessoal e social.

Com o decorrer da leitura dos textos de Fowler (1992) sobre os estágios da fé é interessante ver essa fé pela ótica de que ninguém pode mandar na forma de crer de outrem ou determinar se a mesma está certa ou errada. “[...] A fé não é religiosa em seu conteúdo ou contexto, [...] não diz respeito às crenças ou comprometimento religioso. Antes de sermos religiosos ou irreligiosos [...] já estamos engajados em questões de fé”.¹³⁴

Respaldando essa posição de Fowler (1992) vale destacar que para os Cristãos - que servem às Escrituras ‘Sagradas’ - “sem fé é impossível agradar a Deus pois para quem quer se aproximar Dele é necessário que creia que Ele existe e que é galardoador dos que O buscam”¹³⁵, todavia, segundo eles, não se pode julgar a fé (que tem como primordial fim levar a pessoa à salvação) de ninguém, mas sim, reforçá-la pelas convicções de fé, conforme fora mencionado acima e ainda como afirma seu livro de fé – a Bíblia – quando diz que:

[...] a justiça / salvação que é pela fé diz assim: Não digas em teu coração: Quem subirá ao céu? ou Quem descerá ao abismo? Então o que se deve dizer? Diga: A Palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração e esta é a palavra da fé que pregamos, a saber: Se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação.¹³⁶

Complementa dizendo que em relação à salvação – que tem como base a fé, “[...] o filho não pagará pela iniquidade do pai, nem o pai pagará pela iniquidade do filho. A justiça do justo ficará sobre ele e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.”¹³⁷ Ou seja, a fé e a salvação são individuais. E para ratificar suas intenções de fé e salvação diz ainda: “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna e são elas que de Mim testificam.”¹³⁸ [...] E vigiai porque não sabeis o dia nem

¹³⁴ FOWLER, 1992, p. 16.

¹³⁵ HEBREUS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.916, cap. 11 – vers. 06.

¹³⁶ ROMANOS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.718-9, cap. 10 – vers. 06 - 10.

¹³⁷ EZEQUIEL. *In*: BÍBLIA, 2002, p.1.196, cap. 18 – vers. 20.

¹³⁸ JOÃO. *In*: BÍBLIA, 2002, p.1.581, cap. 5 – vers. 39.

a hora em que Cristo há de vir buscar-te.¹³⁹ [...] Assim, prepara-te para te encontrares com o teu Deus.”¹⁴⁰

A fé é uma das maiores responsáveis pelo equilíbrio que o ser humano busca ter, pois normalmente se tenta modelar as ações conforme aquilo que se acredita desde muito cedo, influenciado pelos familiares, comunidade em geral e por aquilo que se admira ou reprova nas outras pessoas. “[...] pela fé estamos preocupados com as formas pelas quais ordenamos a nossa vida, com o que torna a vida digna e com o modo com o qual nos vemos e vemos o outro [...]”.¹⁴¹

É muito comum que se crie uma capa em torno de si, protegendo-se de tudo aquilo que lhe amedronta e então, de maneira fácil, indaga-se as demais pessoas ao seu redor sobre como podem justificar suas atitudes e posições no que tange às questões mais importantes da vida. Entretanto, quando se é pego pelas próprias indagações cria-se um ambiente instável, uma mescla de insegurança, medo sem respostas, que lhe faz refletir, às vezes saindo da zona de conforto e buscando encarar suas próprias fragilidades. “[...] Sempre faço perguntas às pessoas para que elas próprias encontrem as melhores respostas, mas, como será que eu responderia as minhas próprias perguntas?”¹⁴²

Estas falas de Fowler (1992) e Tillich demonstram o princípio da ‘preocupação última’ - algo que em um dado momento torna-se a maior preocupação da pessoa e que dependendo do andamento de sua solução pode perdurar para o futuro -. Mas, preocupação última ‘religiosa’, do que se trata isso? Seria de repente sobre, ou apenas, de ir para o céu ou para o inferno após a morte? Está além disto.

Uma pessoa compromete-se com aquilo que lhe é conhecido ou reconhecido e vive lealmente tendo sua vida e caráter moldados por esse comprometimento - de preocupação sempre última. Por isso, nossa real adoração, nossa verdadeira devoção dirige-se aos objetos de nossa preocupação última. [...] ela é mais forte e mais poderosa do que a crença que se alega ter em um credo ou em um conjunto de proposições doutrinárias.¹⁴³

O padrão de vida e fé das pessoas se estabelece a partir do convívio com aqueles que se ama, com quem se importa e que também demonstram zelo mútuo.

¹³⁹ MATEUS. *In*: BÍBLIA, 2002, p.1.442, cap. 25 – vers. 13.

¹⁴⁰ AMÓS. *In*: BÍBLIA, 2002, p.1.301, cap. 4 – vers. 12.

¹⁴¹ FOWLER, 1992, p. 16.

¹⁴² FOWLER, 1992, p. 15.

¹⁴³ FOWLER, 1992, p. 17.

Pode-se então confirmar, como trata Fowler, que os ‘centros de valores e poder’ que sustentam suas vidas são alterados a cada nova fase. Então, diante da análise de fé, preocupação sempre última, que apenas cada qual pode fazer sobre si mesmo, necessita-se identificar, qual é a que realmente está tomando conta dos corações, mentes, forças das pessoas. Será que o transcendente tem prioridade ou será que os afazeres da vida, os sonhos que se desejam alcançar, as pessoas que se ama incondicionalmente e a quem se dedica sobre medida, o que ou quem tem a real preocupação última em suas vidas? Para quem está voltado o seu poder da palavra autônoma?

[...] As pessoas, causas e instituições que realmente amamos e em quem confiamos, as imagens do bem e do mal, as coisas com que estamos comprometidos - tudo isso forma nosso padrão de fé. [...] então examinei a estrutura de valores, os padrões de amor e ação, a forma de medo e temor, as direções de esperança e amizade presentes em minha vida [...] os centros de valores e poder que sustentam minha vida.¹⁴⁴

Fowler (1992), nesse ponto, adentra em mais um dos tópicos que aborda sobre a fé:

[...] religiões são tradições cumulativas. [...] as contribuições que cada uma das tradições religiosas trazem para a nossa compreensão de fé [...] estão presentes nos textos – escritos ou leis – narrativas, mitos, profecias, revelações, símbolos visuais ou de outro tipo, músicas, danças, moral e ética, teologia, credos, ritos, arquitetura e outros. [...] assim, a fé é despertada e nutrida pelos elementos da tradição religiosa e [...] a crença é um dos modos pelos quais a fé se expressa.¹⁴⁵

No contexto da supramencionada citação o poder da palavra contido na fé, aqui representado pelas crenças das tradições cumulativas religiosas, sustem-se desde as raízes da humanidade e configura-se pela estabilidade que demonstra através dos séculos pelos quais perdura, conseguindo reunir legiões de fiéis dispostos a abnegarem a si próprios e às suas necessidades particulares em benefício daquilo em que acreditam e pelo que vivem. Vale destacar sobre as tradições cumulativas religiosas que independente de suas origens ou procedimentos, todas pregam sobre duas vertentes: o bem e o mal, a salvação que leva à um tipo de paraíso e a condenação que leva à um tipo de purgatório, que embora tomem rumos distintos em cada uma delas, obviamente, são, por essa razão, reconhecidamente similares.

¹⁴⁴ FOWLER, 1992, p. 15.

¹⁴⁵ FOWLER, 1992, p. 19, 20, 24.

É interessante ressaltar que os conceitos referentes à fé e à crença foram sendo alterados ou por que não dizer banalizados, desmistificados. O que a princípio era visto como sagrado, particular, passou a ser de todos, praticamente da mesma forma e em comum acordo e chegou ao ponto de perder sua funcionabilidade e credibilidade dando lugar a especulações de uma sociedade altamente henoteísta, politeísta e perdida em seus próprios preceitos de liderança e poder – esses, a lembrar, de poucos. “A partir do período moderno (séc. XVI) os termos fé - ter o coração em... - e crença - alinhar a ação com o que está no coração - começaram a se alterar e por volta do séc. XIX as mudanças – inclusive eclesiais – estavam completas”¹⁴⁶.

Conforme foi visto anteriormente, desde cedo – dependendo da cultura familiar da pessoa – as pessoas passam a acreditar que existe alguém superior a elas e a ele começam a devotar lealdade. Muitas vezes nesse percurso, surgem diferentes ‘objetos de adoração’, alguns são apenas ‘preceitos de homens’ querendo impor suas próprias regras, confirmação explícita no livro do Evangelho de Marcos, capítulo 7 e versículos de 6 a 8, a saber: “[...] este povo honra-Me com os lábios, mas seu coração está longe de Mim. Em vão Me honram [...] pois deixaram a doutrina - ensinamentos verdadeiros e fiéis - de Deus para reterem os mandamentos das tradições dos homens.”¹⁴⁷ Com isso, “se a fé é reduzida a crença em declarações de credos e formulações doutrinárias, então pessoas sensíveis e responsáveis irão julgar que devem viver ‘sem fé’ ”.¹⁴⁸

Como Fowler (1992) aborda é importante considerar que cada membro da família faz parte de mundos distintos, ou seja, de várias outras tríades de fé, como por exemplo: no ambiente da escola, da igreja, da comunidade vizinha, do trabalho, das famílias de amigos, entre outros, mesmo que morando na mesma casa, pois ao longo das fases vitais e em contato direto com esses ambientes distintos “os graus de percepção dos mitos e valores centrais aos quais os membros da família servem irão variar grandemente, uma vez que os membros mudam e com eles, seus centros pessoais e corporativos de valores e poder”¹⁴⁹.

¹⁴⁶ FOWLER, 1992, p. 23. Adaptações e grifos meus.

¹⁴⁷ MARCOS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1.474, cap. 7 – vers. 6 - 8. Adaptações e grifos meus.

¹⁴⁸ FOWLER, 1992, p. 24.

¹⁴⁹ FOWLER, 1992, p. 26.

Assim, Fowler propõe que desde sempre a fé está enraizada em cada ser humano e que para cada grupo de faixa etária ou fases da vida há um tipo específico de demonstração de fé¹⁵⁰. Observe:

Do nascimento ao final dos 24 meses de vida (aproximadamente – pois isso varia de criança para criança por motivos orgânicos e ambientais e seus elementos de ação) dá-se início à **fé indiferenciada** por meio da relação de confiança que o bebê estabelece com a mãe, com as pessoas mais próximas e com o ambiente que o rodeia;

Dos 2 aos 5 anos (mais ou menos) a criança experimenta o começo de seu desenvolvimento social. Já consegue externalizar sua fala, dominar suas ações, então, a partir disso e de todos os estímulos que sofre em relação à crença e à religiosidade é capaz de criar uma imagem ‘particular’ de Deus - ora pai ora padrasto –, ou seja, dependendo do tipo de estímulo ela irá intuir sobre como deve ver esse transcendente e então projetará sua fé nessa intuição. A esse momento dá-se o nome de sua **fé intuitivo - projetiva**.

Entre 6 e 8 anos de vida a criança vivencia a **fé mítico – literal**. Como o próprio nome sugere, nessas idades, cognitivamente (se seu sistema de prontidão estiver bem) ela compreende contextos concretos e alguns poucos abstratos. Entende-se como pessoa pensante (ainda que não a seja plenamente) e parte de um dado cenário religioso. Assim, está apta a responder racional e emocionalmente ao mítico que lhe é repassado de forma literal e de preferência concreta. A partir dessa idade a criança vai amadurecendo até deparar-se com a próxima fase: a **fé sintético - convencional**.

Essa fase que permeia a adolescência - faixa etária entre os 11 e 17 - caracteriza-se pela descoberta e controle da identidade pessoal, momento de grandes transições e da solicitação permanente do direito particular de dizer a própria palavra.

Os adolescentes veem a si próprios abstratamente e são capazes de colocarem-se no lugar do outro. Embora já estejam mais maduros e tenham esse conhecimento e sentimento do sobrenatural, ainda precisam da mediação de outros para continuarem estruturando seus centros de valores e conseqüentemente de poder, isto é, são sintéticos e convencionais.

¹⁵⁰ FOWLER, 1992, p. 41 – 172 (com ênfase nas páginas de 105 à 172).

Isso quer dizer que num primeiro momento, a pessoa adolescente ainda está intrinsecamente sintonizada com o sistema de fé herdado da família. Esse sistema por sua vez, ainda não foi por ele examinado. Nesse momento ainda há a possibilidade de o indivíduo após haver feito uma avaliação da fé até então aceita, não conseguir desvencilhar-se dela ou ao contrário encontrar a liberdade para seguir autonomamente em relação à sua própria fé.

Para que esse processo seja completo pode acontecer de a pessoa adolescente afastar-se de seu meio familiar, religioso e até mesmo social até que tenha chegado a uma decisão que o satisfaça.

Durante os anos dessa fase / estágio, cada adolescente irá desenvolver e amadurecer sua fé com maior propriedade e autonomia até que alcance a **fé individualivo – reflexiva**. Entretanto, Fowler afirma que muitas pessoas permanecem a vida toda nesse terceiro estágio, ou seja, não examinando seu sistema de fé familiar herdado e o aceitando completa e prontamente não se tornam autônomas na sua fé.

A partir dos 18, 19 anos até aproximadamente os 45, 50 anos o jovem - depois adulto - adentra em um momento de maturidade pessoal e religiosa. É dono de suas ações e responsável por elas. Desenvolve um grande senso de individualidade, o que gera reflexão e atitude, eis aí o motivo do nome. Nesse período irá questionar (cada qual a seu tempo e em consonância com seu meio) tudo o que aprendeu sobre fé e buscará um sentido maior para sua crença, o que se depara com um jeito próprio de crer.

Nesse momento de grandes reflexões, alguns sofrem uma espécie de crise existencial religiosa. Nem todos são capazes de superá-la a tempo de não serem completamente corrompidos pela sutil consciência humana que beira a lucidez perigosa.

A **fé conjuntiva** compreende o auge da maturidade, provavelmente a partir dos 50 anos (pouco antes, pouco depois dependendo da pessoa) o adulto passa a equilibrar o que acredita e a respeitar os demais - embora esteja na mais convicta relação de fé vivenciada em sua vida. Começa a questionar sua força, sua vitalidade e a entender que não existe uma só fé pessoal ao longo da vida. Assim, desenvolve uma fé conjuntiva – fé, crença, símbolos, fragilidade própria, poder Divino –.

Por fim, a pessoa depara-se com a **fé universalizante**. Este tipo de fé pode acontecer logo após a consciência da fé conjuntiva ou ainda demorar um pouco

mais a aparecer. Quanto mais senil a pessoa vai ficando mais forte se torna a universalidade da sua fé em se tratando de entender que ela sozinha não é capaz de fazer absolutamente nada em prol de si. Há então a consciência de que a vida está prestes a se findar, que o corpo já não responde mais aos estímulos como em outrora. Desta forma, a pessoa inicia um processo de descentralização nas coisas materiais e valoriza sobretudo as espirituais na tentativa de alcançar graça junto ao transcendente a quem adora.

Pode acontecer de algumas pessoas chegarem à essa etapa da fé não por idade, mas por condição humana. Em casos de pessoas gravemente enfermas ou mesmo em situação de risco é possível adentrar à fé universalizante pela inconsistência da vida futura - futura no sentido de vida nesse plano e a da que possivelmente virá, no outro plano esperado.

Essa fase da fé universalizante é inclusive descrita por Salomão, considerado o homem mais sábio das Escrituras ‘Sagradas’: “E o pó voltará à terra como o era e o espírito voltará a Deus que o deu. Vaidade¹⁵¹ de vaidades, tudo é vaidade. [...] De tudo o que se tem ouvido o fim é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos.”¹⁵²

Quando a maior parte das pessoas pensa em Deus, enquanto símbolo da fé, logo lhes vem à mente alguém que não pode ser vencido, para quem nada é impossível, alguém que pode suprir todas as necessidades e fragilidades pelas quais o ser humano está propenso. Quem tem fé e crê em Deus acima de qualquer forma de dúvida sobre seu agir, certamente procura viver de forma digna dentro dos padrões da cultura ao qual está inserido e isso de certa forma lhe proporciona qualidade de vida. Fowler expressa isso quando diz que “os centros de valor e poder que tem sentido divino para nós são aqueles que nos conferem sentido e dignidade e prometem nos sustentar em um perigoso mundo [...] com garantia de qualidade de vida”.¹⁵³

¹⁵¹ **Vaidade** é a qualidade do que é vão, ilusório, instável ou pouco duradouro; Desejo imoderado de atrair admiração ou homenagens – *vanglória*; Presunção, fatuidade; Coisa fútil ou insignificante; frivolidade, futilidade, tolice”. DICIONÁRIO online de Português. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/vaidade/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011. NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Vaidade*. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

¹⁵² ECLESIASTES. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 978, cap. 12 – vers. 7, 8, 13.

¹⁵³ FOWLER, 1992, p. 27.

Esses centros, em contato com as tríades, podem estabelecer o primeiro tipo de relação **fé-identidade**. Por se apegar a vários ídolos (conforme a necessidade do momento) as pessoas que se caracterizam pela relação fé-identidade por meio do **politeísmo**, tendem a ter um estilo de fé tão forte e verdadeiro quanto qualquer outro, todavia, quem diz professar uma fé deve conhecer muito bem seu livro de fé para então constatar se está agindo conforme sua confissão ou não.

Quem nunca foi egocêntrico? Ou mesmo, quem nunca fez algo - ainda que, de repente, sem perceber – que tivesse como foco final a exaltação do eu? Quem nunca se viu em uma situação de Henoteísmo em sua vida? **Henoteísmo** - o segundo tipo de relação **fé-identidade**, “atribui centro de valor e poder e preocupação última a algo cujo valor é menor do que o último”¹⁵⁴.

É provável que cada um já tenha praticado esse tipo de relação fé-identidade. “[...] Buscando projetos de autovindicação, autojustificação, que visam garantir uma espécie de imortalidade, que validam nosso valor e poder enquanto pessoas. [...] cria uma espécie de adoração ao ego.”¹⁵⁵

Por essa razão é de suma importância que a cada dia seja realizada uma reflexão e um redimensionamento dos focos de preocupação última, uma vez que as preocupações últimas henoteístas são algo tipicamente terreno que passarão a qualquer momento.

Um outro tipo de **fé-identidade** é ainda vista por “algumas religiões que transformam certas abstinências como virtudes cardeais, que podem ser vistas como fetichista. [...] também nomeadas como morte-em-vida.”¹⁵⁶ É importante observar e analisar sobre quais tipos de abstinências e de qual religião se está falando. Nem tudo aquilo de que o ser humano deve se abster, se refere necessariamente a **fetichismo** de tradições cumulativas religiosas. É bem verdade que algumas religiões se aproveitam de seus dogmas pré estabelecidos para tentar tornar seus membros “santificados”.

Há casos em que as pessoas se tornam tão alienadas nessa forma de vida que começam a se expressar como mortos-vivos, o que poderia ser entendido como

¹⁵⁴ FOWLER, 1992, p. 28.

¹⁵⁵ FOWLER, 1992, p. 29.

¹⁵⁶ FOWLER, 1992, p. 29.

aqueles que não tem palavra própria e vivem para causar algum tipo de impressão em outrem.

O último tipo de relação **fé-identidade** não requer grandes explicações. Diz respeito à adoração de cada religião que venera única e exclusivamente ao Deus Trino, também conhecido como único e criador.

O **Monoteísmo** é entendido como comprometimento com um único Deus, o Criador, o Regente e Sustentador transcendente. Nessa fé, as pessoas ligam-se umas às outras em confiança e lealdade. Os deuses tribais e os bens finitos devem ser vistos como realmente são. Isso não quer dizer que temos que negar o fato de sermos membros de grupos diferentes, com estórias particulares e valores centralizadores, mas sim, que nossas comunidades limitadas e restritas não podem ser reverenciadas e servidas como se tivessem valor último. A devoção deve ser adequada e proporcional.¹⁵⁷

Ainda em se tratando da fé, a mente humana faz tantas conexões imaginárias sobre a tal que as palavras nem sempre a podem expressar com exatidão. Graças a enorme quantidade de informações que se vai recebendo ao longo da vida, estrutura-se formas próprias de pensar, sentir e agir a fé, a crença e a religião cotidianamente. Sofre-se a interferência de vários fatores ao longo dessa jornada, conscientes ou não, pois,

[...] a formação de uma imagem não espera ou depende de processos conscientes. A imagem une informações e sentimentos, mantém juntos orientações e significados afetivos. [...] não compomos as imagens de nossa fé sozinhos, nem tão pouco ela é estática. Elas são anteriores e mais profundas do que os conceitos. Esta é a razão prática da crucial importância de nossas distinções anteriores entre fé, crença e religião. A crença tenta expressar aquilo que a fé vê enquanto imagina um ambiente último. A religião é constituída pelas formas sobre as quais a fé se molda para sua expressão, celebração e vivências em relação ao ambiente último como a fé o imaginou no passado e o imagina agora.¹⁵⁸

Por mais que pareça difícil, há momentos e questões na vida das pessoas que devem ser repensadas, revistas e atitudes diferentes devem ser tomadas. São inúmeras as vezes que essas mudam de opinião ao longo de suas fases vitais. Opiniões sobre estilos de roupa, música, perfil de par perfeito, opções de estudo, diversão, trabalho, entre tantas outras. O que mais custa, muitas vezes, é assumir a necessidade urgente de fazer o mesmo em prol das “convicções religiosas”. Por

¹⁵⁷ FOWLER, 1992, p. 30.

¹⁵⁸ FOWLER, 1992, p. 35; 37.

mais que doa, pode ser preciso aprender a desconstruir, manter e reconstruir várias das suas certezas diariamente.

Quando um de nossos adorados deuses henoteísta falha ou entra em colapso, isso resulta em perturbação, dor e desespero. [...] quando nossas imagens de um ambiente último centralizados em nossa confiança e lealdade partilhada a um centro de valor e poder parecem falhar ou ser destruídas sem a possibilidade de substituição, [...] somente com a morte de nossa imagem anterior é que uma nova imagem e mais adequada pode surgir.¹⁵⁹

Segundo Fowler (1992), finalizando as ideias de relação **fé-identidade**, nesses casos não diretamente assim nomeadas, até para ser **ateísta** há que se *acreditar* na inexistência de um Deus maior - “[...] pois o oposto da fé é o **niilismo** – a incapacidade de imaginar qualquer ambiente transcendente”¹⁶⁰ -. Mesmo assim, a maioria das pessoas pauta suas decisões mais importantes, embasadas na certeza de estarem sendo aprovadas por alguém superior a elas. Não se trata da necessidade de culpar alguém pelos possíveis fracassos, mas sim, de entender que acreditar está intrinsecamente impregnado em seu ser como a mais autêntica marca digital.

Finalmente, pelo fato de não se conhecer o todo de alguma coisa, nesse caso a fé e seu poder de influência, é que não se tem o direito de julgá-la seja por que motivo for. Há sempre um outro lado para tudo. Ainda que esse tudo pareça estar encerrado. “[...] a fé pode ser comparada a um cubo. De qualquer ângulo de visão o observador pode ver e descrever 3 ou 4 lados – pelo menos – porém, o cubo tem ainda os lados de trás, a base, as partes internas.”¹⁶¹

O poder da palavra por meio da fé é tão grande que pode ser expresso claramente em produções cinematográficas como: Tapete Vermelho¹⁶²; O Fazendeiro e Deus¹⁶³; a série de evangelismo do ministério Billy Graham – Desafiando Gigantes¹⁶⁴, A Virada¹⁶⁵, A Prova de Fogo¹⁶⁶; entre diversos outros.

¹⁵⁹ FOWLER, 1992, p. 37.

¹⁶⁰ FOWLER, 1992, p. 38.

¹⁶¹ FOWLER, 1992, p. 39.

¹⁶² TAPETE VERMELHO. Direção de Luiz Alberto Pereira. Rio de Janeiro: Pandora Filmes. 2006. 100 min. comédia, colorido. Classificação: 10 anos.

¹⁶³ O FAZENDEIRO E DEUS. Direção de Regardt van den Bergh. EUA: Sony Pictures. 2007. 116 min. Drama. Colorido. Classificação: 12 anos.

¹⁶⁴ DESAFIANDO GIGANTES (Facing the Giants). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2006. 111 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 14 anos.

¹⁶⁵ A VIRADA (Flywheel). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2003. 90 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 12 anos.

As Escrituras ‘Sagradas’ (Cristã) muito dizem sobre a fé, inclusive fazem menção à essa palavra entre 500 e 586 vezes ao todo, dependendo da tradução, em seus textos.

Mas o que tudo o que fora mencionado tem, mesmo, a ver com o poder da palavra?

Dentro dos enfoques da palavra sugeridos por esse trabalho nota-se que o poder da fé por si só é capaz de transformar vidas. Se uma pessoa aceita que esse poder de transformação que volta-se à ela, seja pensado e decidido, sem maiores análises particulares, por terceiros, a referida pode estar correndo sérios riscos, pois o texto foi bem claro quando mencionou que os princípios que motivam a fé em cada um são absolutamente próprios, individuais e intransponíveis. Assim, a fé se torna realmente válida quando é sentida, pensada e vivida pela própria pessoa e, só desta forma, é que a fé poderá agir como elemento pessoalmente transformador e de transformação.

É através do poder da própria palavra declarada graficamente ou não, que o indivíduo pode interferir nos cenários religiosos promovendo significativa qualidade de vida espiritual e conseqüentemente social.

Por fim, a dimensão religiosa apresentou a “abordagem da fé”. Esse capítulo enfatizou a autonomia da palavra absolutamente pessoal quando se trata de relacionamento espiritual, entretanto, com vistas ao respeito e participação junto às tradições e às culturas religiosas em meio as quais se está inserido, pois por mais que, às vezes, a fé, os mitos, as crenças, os rituais pareçam surreal, Fernando Pessoa já dizia que “O Mito É O Nada, Que É O Tudo.”¹⁶⁷

¹⁶⁶ A PROVA DE FOGO (Fireproof). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2008. 122 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 14 anos.

¹⁶⁷ PENSADOR.INFO. *Frases de Fernando Pessoa*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

CONCLUSÃO

No intuito de responder as inquietações apresentadas para esse, torna-se notório que ao longo do desenvolvimento do referido trabalho as inquietações que eram particulares de cada tópico, já foram sendo respondidas dentro das dimensões propostas, que por sua vez, constituíram-se em pesquisas próprias, todavia, não apenas para si. Portanto, à conclusão caberá selar as proposições do tema de forma holística.

O direito a dizer a própria palavra enquanto ponte para a autonomia pessoal em múltiplas dimensões da vida social é uma conquista diária que vem se revelando ao longo dos séculos, pois como relata Fiori¹⁶⁸, em uma cultura letrada aprender a ler e a escrever vai além do que pode parecer, é a própria dialética em que se existencia o homem. E em seu contexto a palavra não designa apenas as coisas, mas, as transforma, não é só um pensamento que é dito, é na verdade práxis.

Aprendendo a dizer a sua palavra o 'ser' se faz humano e assume conscientemente sua essencial condição: constitui-se a si mesmo e ao mundo, humanizando-se e humanizando-o.

Essa transformação acontece quando o ser humano tem a oportunidade de redescobrir-se através da retomada reflexiva do seu próprio processo e vai nele se configurando e se manifestando. Entende que precisa assumir responsavelmente uma postura frente à sua história. Pois a palavra instaura o mundo do homem, visto que ela é pessoal, é criadora.

Entretanto, a palavra repetida perde sua identidade e fica isolada, imersa em meio à multidão anônima, submissa a um destino que lhe é imposto e o qual não é capaz de superar.

Porém, é preciso uma vez mais reforçar que para expressar a sua palavra e constatar o poder que advêm dela é preciso ter amadurecimento pessoal, social, profissional e espiritual e esse amadurecimento vem com a idade, com o conhecimento teórico, com as experiências práticas, entre outros, mas principalmente, como o desejo de emancipação.

Isto posto, percebe-se que a ponte estruturada pela palavra conceitual, junto às dimensões apresentadas - e certamente tantas outras que circundam o ser

¹⁶⁸ FIORI. *In* Freire, 2003. p. 13, 15, 18, 19, 01.

humano cotidianamente - podem possibilitar a sensibilização, a conscientização, a motivação e finalmente a (transform)ação dessa pessoa / cidadã em prol do seu direito de posicionar-se e de se fazer ver, ouvir e conseqüentemente, respeitar frente à sociedade em suas distintas esferas, pois se compreendidas e manifestadas, essas concretizam o poder da palavra autônoma.

Destarte, afirma Freire que dizer a sua palavra não é privilégio nem direito de alguns homens, mas sim, de todos eles. Mas, falar apenas do direito à palavra é ainda uma postura branda, visto que ter opinião e ação é um dever de todo cidadão consciente e comprometido com seu meio. “Não é no silêncio que os homens transformam o mundo, mas ao dizerem a palavra de reflexão e ação. Porém, não se deve impô-la autoritária ou moralista aos outros e menos ainda roubar a palavra dos demais.”¹⁶⁹ E é nesse contexto (parafraseando Clarice Lispector) que a ‘minha’ palavra autônoma tem poder de domínio e conseqüentemente de transformação sobre o ‘meu’ mundo.

Por último e de extrema importância é tomar para si a responsabilidade da palavra. A todos os que estão se aprofundando no campo do conhecimento, a esses, cabe a maior responsabilidade e compromisso com a palavra da verdade.

Quanto maior é o poder de influência de uma pessoa ou de várias delas unidas, tanto maior é sua responsabilidade em analisar e ponderar as palavras antes de liberá-las aos demais, pois, “[...] toda a palavra que sair da minha boca não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a envie.”¹⁷⁰ E saiba que “[...] por tuas palavras serás justificado e por tuas palavras serás condenado.”¹⁷¹

Assim, a maneira pela qual a sociedade atual vem sendo conduzida já tem possibilitado, em demasiado, a auto-reflexão dessa nova geração de cidadãos, que por sua vez, certamente saberão requerer e utilizar com segurança, propriedade e responsabilidade seu direito à palavra.

“Com um sentimento de missão cumprida, porém, sempre inacabada” encerra-se, momentaneamente, as laudas do presente trabalho parafraseando, uma vez mais, aquele que não omitiu-se perante os conflitos políticos, sociais e educacionais que vivenciou. Que fez parte dos brasileiros que tentaram desnudar

¹⁶⁹ FREIRE, 2003. p. 78.

¹⁷⁰ ISAIAS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1059, cap. 55 – vers. 11.

¹⁷¹ MATEUS. *In*: BÍBLIA, 2002, p. 1411, cap. 12 – vers. 37.

problemas como os das exclusões, das opressões, da maquiagem no cenário educacional, entre tantos outros, mas que principalmente, não se permitiu ser pensado, falado ou agido por outros:

Nome completo: PAULO REGEUS NEVES FREIRE.
Data de nascimento: 19 de Setembro de 1921.
Local: Recife – Pernambuco.
Cor dos olhos: Castanho.
Raça: HUMANA.¹⁷²

E por que não dizer “raça de filhos distintos de um mesmo Pai Celestial, ou seja, IRMÃOS”.

Assim e finalmente,

É possível que alguém questione, critique o meu direito de falar sobre tal, [...] mas, pela relativa experiência que tenho tido com as massas, acumulei, em experiências nesses campos, um rico material que foi capaz de me desafiar a correr o risco das afirmações que fiz. [...] Dessa maneira, me dou por satisfeito(a) se dos possíveis leitores desse, surgirem críticas capazes de retificar erros e equívocos, de aprofundar afirmações e ou apontar o que não vi. [...] Contudo, se de nada forem dignas de reflexão as laudas desse, apenas lamento sua posição: a de quem perdeu seu endereço na História.¹⁷³

¹⁷² PAULO FREIRE CONTEMPORÂNEO. Produzido pela TV ESCOLA. Brasília: MEC / Secretaria de Educação à Distância, 2007. 1 DVD Escola vol. III (53'23"). Widescreen, color.

¹⁷³ FREIRE, 2003. p. 184; 21.

REFERÊNCIAS

A PROVA DE FOGO (Fireproof). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2008. 122 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 14 anos.

A VIRADA (Flywheel). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2003. 90 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 12 anos.

AMÓS. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.301, cap. 4 – vers. 12.

ANÍSIO TEIXEIRA. Produzido pela TV ESCOLA. Brasília: MEC / Secretaria de Educação à Distância, 2008. 1 DVD Escola, Série Educadores - vol. V (59'45"). Widescreen, color.

AS METAS do Milênio da ONU. Disponível em: <<http://www.institutoatkwjh.org.br/compendio/?q=node/19>>. Acesso em: 14 de jan. de 2012.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os Humanos*. Brasília: Letra Viva, 2000. 128p.

_____. A busca de um ethos planetário. *In*: *Revista Perspectiva: Numero colectivo latinoamericano sobre ecología - Comisión Teológica Latinoamericana de la ASETT / EATWOT*. Belo Horizonte / MG. 2010. 11p. Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/403.htm>>. Acesso em: 16 de setembro de 2011.

CHARTIER, Anne Marie et al. *Ler e Escrever: entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1987.

COLOSSENSES. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.837-8, cap. 3 – vers. 17; 23.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 15 de jan. de 2012.

CORTELLA, Mário Sérgio. *Qual é a tua obra?* Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética. 13. ed. Petrópolis / RJ: Vozes, 2011. p. 31; 139.

DESAFIANDO GIGANTES (Facing the Giants). Direção de Alex Kendrick. EUA: Sony Pictures. 2006. 111 minutos. Drama. Colorido. Classificação: 14 anos.

DICIONÁRIO online de Português. *Palavra*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/palavra/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

_____. *Poder*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/poder/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

_____. *Vaidade*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/vaidade/>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

DHNET. *Declaração de Princípios sobre a Liberdade de Expressão*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/oea/dec_express.html>. Acesso em: 14 de fev. de 2012.

DIREITOS Conquistados na História. Arquivos do CEDIM/RJ-1996 e COMDIM/POA – 2000. Disponível em: <<http://www.comdim-poa.ufrgs.br/feminismo.htm>>. Acesso em: 04 de jan. de 2012.

ECLESIASTES. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p. 978, cap. 12 – vers. 7, 8, 13.

EZEQUIEL. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.196, cap. 18 – vers. 20.

FILIPENSES. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.826, cap. 2 – vers. 14. Adaptações minhas.

FIORI, Ernani Maria. *Aprender a Dizer a Sua Palavra*. *In: FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

FONTES, Carlos. *As Teorias Éticas – perspectiva histórica*. 2010. Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/etica.htm>>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2012. 02 p.

_____. _____ . Disponível em: <<http://afilosofia.no.sapo.pt/etica2.htm>>. Acesso em: 12 de fev. de 2012. 03 p.

FOUCAMBERT, Jean. *A Criança, o Professor e a Leitura*. Porto Alegre/RS: Artmed, 1997.

FOWLER, James. *Estágios da Fé*. A Psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido. São Leopoldo / RS: Sinodal, 1992. 180p.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia do Oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

Haidt, Regina Célia Cazaux. *Curso de Didática Geral*. 7. ed. / 8. imp. – São Paulo/SP: Ática, 2006. p. 226 – 30.

HEBREUS. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p. 1.915-6 – cap. 11, vers. 01; 06.

HENDRICKS, Howard. *Ensinando para transformar vidas*. Belo Horizonte: Betânia, 1991.

HUNTER, James C. *O Monge e o Executivo: uma história sobre a essência da liderança*. Tradução de Maria C. F. de Magalhães. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2004. 139 p.

_____. *Como se tornar um líder servidor: os princípios de liderança de O Monge e o Executivo*. Tradução de A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro/RJ: Sextante, 2006. 136 p.

ISAIAS. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p. 1059 – cap. 55, vers. 11.

JOÃO. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.581, cap. 5 – vers. 39.

LAQUIMIA, Tatiane Patrícia. *Competências e Habilidades Profissionais Indispensáveis para o Atendimento ao Educando com Necessidade Educacional de Intervenção Especializada*. Ariquemes/RO, Faculdades Integradas de Ariquemes – FIAR. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação com Licenciatura em Pedagogia. 2007. p. 41.

MANUAL de Normas para Trabalhos Científicos: baseado nas normas da ABNT. 2. ed. rev. e atual. STRECK, Gisela I. W.; LAUX, Núbia M. (org.). São Leopoldo / RS: EST / ISM, 2009. 58 p.

MARCOS. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p. 1.474, cap. 7 – vers. 6 - 8. Adaptações e grifos meus.

MATEUS. *In: BÍBLIA de Estudo Pentecostal*. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p.1.412, cap. 22 – vers. 39.

_____. _____ . p.1.442, cap. 25 – vers. 13.

_____. _____ . p.1.411, cap. 12 – vers. 37.

MELO, Mônica de. *O Princípio da Igualdade entre Mulheres e Homens e seu Impacto no Novo Código Civil Brasileiro*. In: Grupo de Trabalho de Direitos Humanos. *Direitos Humanos No Cotidiano Jurídico*. São Paulo: Centro de Estudos da Procuradoria Geral do Estado (PGE). 2004. (Série Estudos n. 14). p. 13 – 42. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos%20humanos.pdf>>. Acesso em: 10 de jan. de 2012.

MICHILES, Carlos et al. *Cidadão constituinte: a saga das emendas populares*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MURAD, Afonso. *Gestão e Espiritualidade: Uma porta entreaberta*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2008. 252p.

NOVO Dicionário Aurélio 6.0 - 2010 (de acordo com o novo acordo ortográfico) - Software Educacional (do Sistema Positivo de Ensino) instalado no computador. *Antropologia*. Acesso em: 28 de setembro de 2011.

_____. *Cuidado*. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

_____. *Ética*. Acesso em: 15 de dezembro de 2011.

_____. *Palavra*. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

_____. *Poder*. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

_____. *Vaidade*. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

O FAZENDEIRO E DEUS. Direção de Regardt van den Bergh. EUA: Sony Pictures. 2007. 116 min. Drama. Colorido. Classificação: 12 anos.

OBJETIVOS da ONU para o Milênio: *8 Jeitos de Mudar o Mundo*. Disponível em: <<http://www.objetivosdomilenio.org.br/>>. Acesso em: 14 de jan. de 2012.

PAULO FREIRE CONTEMPORÂNEO. Produzido pela TV ESCOLA. Brasília: MEC / Secretaria de Educação à Distância, 2007. 1 DVD Escola vol. III (53'23"). Widescreen, color.

I PEDRO. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002, p. 1.943, cap. 4 – vers. 10.

PENSADOR.INFO. *Frases de Clarice Lispector*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 31 de agosto de 2011.

_____. *Frases de Confúcio*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

_____. *Frases de Fernando Pessoa*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

_____. *Frases de Rubens Alves*. Disponível em: <<http://pensador.uol.com.br/frase/MTM1NjAz/>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2012.

PILETTI, Claudino. *Didática Geral*. 5. ed. São Paulo/SP: Ática, 2006.

PROVÉRBIOS. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002, p. 949, cap. 18 – vers. 21.

RELATO ORAL de uma mulher evangélica de 29 anos, professora no norte do país, após a leitura da obra de: FOWLER, James. *Estágios da Fé*. A Psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido. São Leopoldo / RS: Sinodal, 1992. Comentado com a Acadêmica do presente, em janeiro de 2011, durante uma conversa informal sobre “a obra de Fowler e a fé pessoal e religiosa”, no campus da EST.

ROMANOS. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002. p. 1.718-9, cap. 10 – vers. 06 - 10.

_____. São Paulo / SP: CPAD, 2002.
p. 1.723 – cap.13, vers.7.

SALMOS. *In*: BÍBLIA de Estudo Pentecostal. Ed. rev. e atual. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo / SP: CPAD, 2002, p. 914; 918. cap. 139 – vers. 1–6; 13-16.

SERRANO, Daniel Portillo. *Geração X, Geração Y, Geração Z ...* 27/06/2010.
Disponível em:
<http://www.portaldomarketing.com.br/Artigos/Geracao_X_Geracao_Y_Geracao_Z.htm>.
Acesso em 17 de outubro de 2011.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STRECK, Gisela I.W.; LAUX, Núbia M. (org.). *Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT*. 2. ed. rev. atual. São Leopoldo / RS: EST / ISM, 2009. 58p.

TAJRA, Sanmya Feitosa. *Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade*. 3. ed. rev. atual. e ampl. – São Paulo: Érica, 2008.

TAPETE VERMELHO. Direção de Luiz Alberto Pereira. Rio de Janeiro: Pandora Filmes. 2006. 100 min. comédia, colorido. Classificação: 10 anos.

TEMPOS MODERNOS. Título original: Modern Times. Roteiro, produção, musical e direção de Charles Chaplin. Estados Unidos da América: United Artists and Charles Chaplin Productions. 1936. 87 min. Comédia. Preto e Branco. Sem Classificação.

OBRAS CONSULTADAS

BIAGGIO, Ângela Maria Brasil. *Psicologia do Desenvolvimento*. Petrópolis / RJ: Vozes, 1988.

CHALITA, Gabriel. *Os Dez Mandamentos Da Ética*. São Paulo – SP: Sem Fronteira, 2009. 232p.

DICIONÁRIO online de Português. *Antropologia*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/antropologia/>>. Acesso em: 28 de setembro de 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. *Filosofia e Educação: elucidações conceituais e articulações*. São Paulo / SP: Cortez, 1996. p. 25.

MENDES, Mara Souza Ribeiro. *Xondaro: Uma Etnografia do Mito e da Dança Guarani Como Linguagens Étnicas*. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/82059_Mara.pdf>. Acesso em: 01 de Setembro de 2011, p.65.

MIRCEA, Eliade. *O Sagrado e O Profano*. [Tradução: Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. 109 p.

RIVIÈRE, Claude. *Os Ritos Profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

RODOLPHO, Adriane Luisa. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. *In: Estudos Teológicos*. São Leopoldo/RS: Sinodal. v. 44, n. 2, 2004. p. 138-146.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. O Mundo Feminino. *In: Caderno Temático 23: diversidade sócio-cultural, étnica e de gênero*. Porto Alegre: Secretaria da Educação – Governo do Estado do Rio Grande do Sul. 2010. p. 18.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2007.

VILHENA, Maria Angela. *Ritos: expressões e propriedades*. São Paulo: Paulinas, 2005.